



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE**  
**HISTÓRIA**



**GABRIELA REZENDES SILVA**

**TEMPO PRESENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: O *PODCAST* #COVID-19**  
**MEMÓRIAS DA PANDEMIA NO BRASIL (2020)**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2022**

**GABRIELA REZENDES SILVA**

**TEMPO PRESENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: O *PODCAST* #COVID-19  
MEMÓRIAS DA PANDEMIA NO BRASIL (2020)**

Trabalho apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

**Orientador:** Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2022**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586t Silva, Gabriela Rezendes  
Tempo presente e ensino de história: o *podcast* #Covid-19 memórias da pandemia no Brasil (2020) / Gabriela Rezendes Silva ; orientador Dilton Cândido Santos Maynard. – São Cristóvão, 2022.  
79 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. História - Estudo e ensino. 2. Podcasters. 3. Covid-19, Pandemia de 2020 - Brasil. I. Maynard, Dilton Cândido Santos, orient. II. Título.

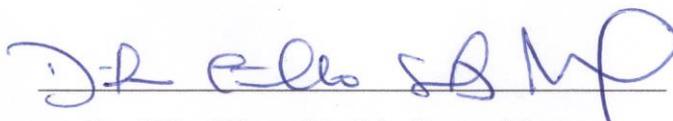
CDU 94:578.834(81)

**TEMPO PRESENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: O PODCAST #COVID-19**  
**MEMÓRIAS DA PANDEMIA NO BRASIL (2020)**

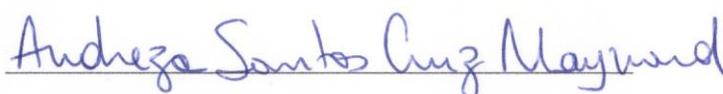
Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

**Orientador:** Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

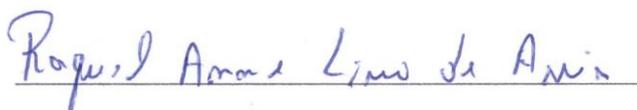
Aprovado em 23 de 12 de 2022.



Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard  
(Presidente – UFS)



Prof.ª Dr.ª Andreza Santos Cruz Maynard  
(Interno – UFS)



Prof.ª Dr.ª Raquel Lima de Assis  
(Externo à Instituição – UFRR)

Dedico este trabalho à minha família, em especial meu esposo Eduardo Augusto e nosso amado filho, Francisco Benjamin.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por permitir-me chegar até aqui, a jornada não foi fácil, afinal escrevi sobre uma pandemia enquanto a vivia. Mas, graças a Ele, eu e os que amo estamos bem.

Obrigada ao meu esposo Eduardo Augusto por não ter me deixado desistir. Você e o nosso filho, Francisco Benjamin, são a razão para a conclusão deste trabalho. Amo vocês infinitamente.

Aos meus amados pais por sempre torcerem e acreditarem no meu potencial. Quando eu falava em desistir, eles diziam, “desista não, você consegue... Seja forte e persistente”.

Às minhas irmãs Rosana e Grazielle e aos meus amados sobrinhos-afilhados Biel e Maria Clara. Vocês foram fundamentais nesse processo, dando apoio emocional e me ajudando nos cuidados com meu bebê.

À minha vizinha linda, Claudice, a qual agradeço a Deus a sua existência e por permitir que ela, no auge dos seus 93 anos, esteja ao meu lado nesse momento tão singular. E aos meus avós paternos, Bernadete e José e meus tios e tias, em especial Inaldina e Joselina, por todo amor, cuidado e incentivo.

E de maneira especial, gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard e a querida Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Maynard. Ao longo de mais de uma década de pesquisa fazendo parte do GET (Grupo de Estudos do Tempo Presente –UFS), pude aprender muito com vocês e os colegas que integram o grupo. Meu muito obrigada!

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos professores do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe. Em especial ao Prof. Dr. Lucas Pinheiro (atual coordenador e grande incentivador para a conclusão deste trabalho), Fabiana (secretária do programa, amiga e incentivadora, minha eterna gratidão a ti), Prof. Dr. Itamar Freitas e a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janaína Mello, as aulas de vocês foram inspiradoras.

*A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele.*

Marc Bloch

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo proporcionar aos professores de história suporte pedagógico sobre a Pandemia da Covid-19 no Brasil a partir do *podcast* #Covid-19 – Memórias da Pandemia no Brasil. A pesquisa reflete sobre o ensino de história do tempo presente e o uso das novas tecnologias, mais especificamente, das fontes históricas trazidas para o professor de história através do mundo digital. Utilizaremos como fontes registros sobre a pandemia do novo coronavírus, presentes em blogs, sites oficiais e redes sociais. Além de uma reflexão sobre o fazer história em tempos digitais, realizamos reflexões iniciais sobre os desdobramentos do ensino de história na educação básica em tempos de pandemia. Por fim, oferecemos a proposta de oficina de elaboração de *podcast*, isto é, um arquivo digital de áudio disponibilizado na *internet*, uma espécie de junção do rádio com o auxílio das novas tecnologias. A princípio, o *podcast* abordará a pandemia em seu contexto geral, surgimento, chegada ao Brasil e a Sergipe. O mesmo, será disponibilizado gratuitamente a docentes e alunos da educação básica como objeto educacional digital.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Tempo Presente, *Podcast*, Pandemia, *Covid-19*.

## ABSTRACT

This dissertation objective is provide to the history teachers pedagogical support about the Covid-19 Pandemic in Brazil based on the podcast *#Covid-19 – Memórias da Pandemia no Brasil*. The research reflects about the teaching of history of the present and the use of new technologies, more specifically, of the historical sources brought to the history teacher through the digital world. We will use like historical sources the records about the new coronavirus pandemic, available in blogs, official websites and social media networks. Besides a reflection on making history in digital times, we will make start's reflections about the consequences of teaching history in basic education in pandemic's times. Finally, we will offer a plan for a podcast elaboration workshop, like this a digital audio file that we will be made available on internet, a kind of combination of radio with the support of new technologies. in the beginning, the podcast will reflect about the pandemic in its general context, its emergence, and its arrival in Brazil and in Sergipe. The podcast will be made available for free to teachers and students of basic education like a digital learning object.

**Keywords:** History Teaching, History of the present, Podcast, Pandemic, Covid-19.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Sobre métodos e conceitos: a História do Tempo Presente.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 O “ensinar” no século XXI.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 O Ensino de História no Brasil.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO II – A PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE INTERNET.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Do quadro para as telas digitais: o ensino remoto e a pandemia da Covid-19 no Brasil.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Professor “imigrante digital” versus aluno “nativo digital” em tempos de covid-19 no Brasil: um relato pessoal.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III – A HISTÓRIA ALÉM DA SALA DE AULA: O <i>PODCAST</i> #COVID-19 MEMÓRIAS DA PANDEMIA NO BRASIL.....</b>	<b>39</b>
<b>3.1 <i>Podcast</i>: conhecimento e informação aonde quer que você esteja.....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 <i>Podcast</i>: um aliado no processo de ensino-aprendizagem.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 Oficina Memórias da Pandemia.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>57</b>

## Introdução

Desde o início do século XXI temos presenciado inúmeros acontecimentos que tiveram repercussão mundial<sup>1</sup>. No entanto, nada se compara aos impactos causados pela pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), pois se trata de uma situação totalmente diferente de tudo que a humanidade já viveu até agora – dado o alto grau de globalização que vivemos. Assim, o objetivo desse trabalho é refletir sobre como ensinar história do tempo presente a partir do uso das novas tecnologias, mais especificamente, a partir das fontes trazidas para o professor/historiador através do mundo digital. E como produto final, objetivamos desenvolver o *podcast*<sup>2</sup> #Covid-19 – Memórias da Pandemia no Brasil, que possibilitará aos professores de História ensinar sobre a Pandemia da Covid-19.

Evidentemente, o produto oferecido não será algo fechado – já que a pandemia ainda não acabou e só disponibilizaremos, inicialmente, um episódio do *podcast*. Nesse sentido, estaremos próximos de uma perspectiva como a do historiador Marc Bloch, que viu-se obrigado a refletir sobre os passos que levaram à derrota francesa frente à Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Em *A Estranha Derrota*, Bloch escreve ao mesmo tempo em que o desastre se desenrola<sup>3</sup>.

Antes, porém, vejamos sumariamente o itinerário do nosso problema. Os primeiros casos de humanos infectados pelo novo coronavírus ocorreram em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. Apesar dos primeiros registros não terem sido divulgados pelas autoridades chinesas, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) já declarava que o surto da doença causada pelo novo membro da “família SARS” – sigla para Síndrome Respiratória Aguda Grave –, o SARS-CoV-2 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional<sup>4</sup>.

Com o “rompimento das fronteiras” e, por consequência, o aumento expressivo do número de pessoas infectadas mundo afora, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus,

---

<sup>1</sup> Como os conflitos no Oriente Médio, os ataques ao *World Trade Center*, a crise financeira de 2008, a pandemia de gripe A H1N1 em 2009, as disputas territoriais entre a Ucrânia e a Rússia, as disputas comerciais entre a China e os Estados Unidos da América, além da popularização da internet e das chamadas redes sociais.

<sup>2</sup> O *podcast* é um arquivo digital de áudio, disponibilizado na *internet*. Por ser uma ótima opção na transmissão de informações – é a junção do rádio com o auxílio das tecnologias –, tem sido um recurso aproveitado por vários profissionais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/04/25/o-que-sao-podcasts.ghtml>> Acesso: 23/07/2020.

<sup>3</sup> Ver mais em: BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

<sup>4</sup> Trata-se de um importante alerta mundial. Ver mais em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)> Acesso em: 21/07/2020.

declara, em 11 de março de 2020, a COVID-19 como uma pandemia. Naquele momento, a doença já havia atingido mais de 114 países e somava um número expressivo de 118.000 pessoas infectadas e 4.291 mortes. A maior preocupação de Ghebreyesus já eram os níveis alarmantes de propagação da doença e a inação dos chefes de Estado<sup>5</sup>. A partir de então, o mundo passou a viver dias de terror. O medo perante o inimigo invisível e desconhecido, percorreu (e, em certa medida, ainda tem percorrido) os mais variados segmentos das sociedades – no entanto, vale ressaltarmos que há, desde o início da pandemia até os dias atuais, um grande número de pessoas que negam a doença e seu alto poder de letalidade.

Desde a divulgação da existência da doença, cientistas do mundo todo têm buscado desvendar os mistérios que cercam o novo coronavírus e seus efeitos nocivos, seja em um corpo jovem, atlético, idoso ou infantil. Inicialmente, por desconhecer todos os sintomas e como o SARS-CoV-2 – que é um RNA, ou seja, sofre mutações – se comportava no corpo humano, acreditou-se que a Covid-19 representava um risco mortal para idosos e/ou pessoas com morbidades. Somente nos “episódios” seguintes dessa série de terror, foi-se percebendo que se tratava de um problema de todos e que a forma como o vírus se comporta em cada organismo é, em muitos casos, imprevisível<sup>6</sup>.

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi anunciado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020<sup>7</sup>. Tratava-se de um senhor de 61 anos, morador de São Paulo, que havia chegado da Itália. Em Sergipe, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado pela Secretaria de Estado da Saúde (SES) em 14 de março de 2020. Conforme notificaram os órgãos oficiais, também foi um caso “exportado”, pois a paciente, do sexo feminino, 36 anos, havia chegado da Espanha<sup>8</sup>. Entre os meses de março e abril o número de infectados no Brasil aumentaram de maneira significativa. Em 26 de abril, dois meses após a divulgação oficial do primeiro

---

<sup>5</sup> Ver mais em: SEVILLANO, Elena. OMS declara que coronavírus é uma pandemia global. **El País**, 11 de março de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-11/oms-declar>> . Acesso em: 21/07/2020.

<sup>6</sup>PINHEIRO, Chloé. Coronavírus: muito além dos pulmões. **Veja Saúde**, 20 de junho de 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-muito-alem-dos-pulmoes/>>. Acesso em: 25/07/2020.

<sup>7</sup>Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>> . Acesso em: 21/07/2020.

<sup>8</sup> Secretaria de Estado da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus em Sergipe. **G1**, 14 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/03/14/secretaria-de-estado-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-em-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 21/07/2020.

caso, o país já contava com um número de 63.100 infectados e 4286 mortes<sup>9</sup>. Atualmente, estamos na triste marca de 692.280 mortes por Covid-19 e 36.001.760 infectados<sup>10</sup>.

Nos últimos anos, temos percebido que além da pandemia deixar evidente as fragilidades do nosso sistema de saúde, escancarou também a crise política/institucional que o país vem passando no atual governo. Enquanto o mundo se empenhou para conter o avanço da doença, o Brasil enfrentou incertezas até mesmo sobre a titularidade do Ministro da Saúde, o terceiro no posto desde que a pandemia teve início. O negacionismo da pandemia, por parte do chefe de Estado e de seus apoiadores, tem trazido muitos prejuízos humanos ao país. Milhares de brasileiros, crenes que é só uma “gripezinha”<sup>11</sup>, se arriscam diariamente, se aglomeram e não seguem as recomendações básicas da OMS e dos órgãos de saúde – isolamento/distanciamento social, uso de máscaras, álcool em gel e vacinação.

Entre os muitos problemas, a Educação em seus diversos âmbitos se viu diante de uma situação desafiadora e sensível. Com a deflagração da pandemia do SARS-CoV-2, foram suspensas em várias partes do mundo as aulas presenciais da educação básica e superior. Em Sergipe, a suspensão temporária das aulas se deu por meio do Decreto Estadual Nº 40.560, de 16 de março de 2020<sup>12</sup>. Inicialmente, acreditou-se que se trataria de uma pausa de 15 a 30 dias no máximo. No entanto, os números de infectados subiram dia após dia. Com isso, o governo de Sergipe manteve a suspensão das aulas presenciais nos demais decretos, permanecendo a distância durante o resto de 2020 – exceto as turmas de terceiro ano do Ensino Médio, que voltaram a ter aulas presenciais em novembro<sup>13</sup> (rede particular dia 03 e rede pública dia 17). No decorrer de 2020, a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC), através do Conselho Estadual de Educação, buscou amenizar os efeitos nocivos da pandemia no processo de ensino-aprendizagem.

---

<sup>9</sup> Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 26 de abril. **G1**, 26 de abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/26/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-26-de-abril.ghtml>>. Acesso em: 21/07/2020.

<sup>10</sup> Brasil registra 216 novas vítimas de Covid e total passa de 692 mil. **G1**, 20 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/12/20/brasil-registra-216-novas-vitimas-de-covid-e-total-passa-de-692-mil.ghtml>>. Acesso em: 21/12/2022.

<sup>11</sup> BETIM, Felipe. Em cadeia de TV, Bolsonaro minimiza coronavírus para insuflar base radical. **El País**, 25 de março de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>> Acesso em: 22/07/2020.

<sup>12</sup> Decreto disponível em: <[https://www.edocsergipe.se.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Decreto-40560\\_2020.pdf](https://www.edocsergipe.se.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Decreto-40560_2020.pdf)>. Acesso em: 21/07/2020.

<sup>13</sup> Estudantes do 3º ano do ensino médio da rede particular de SE voltam às aulas presenciais nesta terça-feira. **G1**, 03 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/11/03/estudantes-do-3o-ano-do-ensino-medio-da-rede-particular-voltam-a-aulas-presenciais-em-se-nesta-terca-feira.ghtml>>. Acesso em: 16.12.2020.

As redes particulares de ensino, da educação básica, adiantaram para o mês de abril as férias dos alunos, professores e demais funcionários. A rede pública, posteriormente, fez o mesmo. Após inúmeras discussões (no âmbito estadual e federal), chegou-se à conclusão de que era necessário ofertar aulas *online* também para a educação básica - alguns segmentos do ensino superior mantiveram suas atividades de maneira remota desde a suspensão das aulas presenciais. Em Sergipe, as aulas *online* começaram na rede particular no mês de maio, a partir de junho a SEDUC juntamente com as secretarias municipais de educação também iniciaram suas atividades de maneira remota<sup>14</sup>.

O ensino remoto, na educação básica, tem se tornado um enorme desafio para a educação brasileira no século XXI, apesar das tecnologias estarem a serviço da educação há algum tempo. O uso das tecnologias no ensino brasileiro envolve muitas questões, que vão desde a resistência por parte de alguns profissionais e pais (isso antes da pandemia da Covid-19), à falta de acesso a elas pelos discentes e algumas escolas, não somente públicas, que não têm em sua totalidade estruturas que favoreçam o uso de alguns recursos digitais no dia a dia.

Atualmente, o pedagogo, o professor de história, matemática, os professores de português têm "aprendido" a utilizar recursos digitais em suas aulas - é claro que já havia profissionais que as utilizavam para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, no entanto, sabemos que se tratava de uma minoria.

Trabalho em uma escola particular tradicional e de grande porte em Aracaju e admito que sempre foi mais tranquilo utilizar alguns recursos digitais, já que todas as salas possuem computador, data show e acesso à *internet*. Entretanto, sei que a maioria de nós já enfrentavam grandes desafios, principalmente porque as condições estruturais das escolas não favorecem muito. Mas, como fui aluna da rede pública a vida toda, acho fundamental que esses alunos também tenham uma aula interativa, tecnológica, agora e no pós-pandemia – e isso, em muitos casos, é possível realizar utilizando, por exemplo, celulares. O interessante é que por mais simples que a atividade seja, só o fato de sair da rotina e entrar no mundo deles, já ficam empolgados, e alguns até trazem contribuições (como vídeos, imagens, mapas mentais que pegam em sites para estudar). Meus alunos adoravam me auxiliar nesses momentos, diziam que entendiam mais do que eu – e de fato, é tanto que agora, nas aulas *online*, vivo pedindo ajuda quando tenho dificuldade em aproveitar algum recurso da plataforma digital que estamos utilizando nas aulas.

---

<sup>14</sup>Aulas da rede estadual em Sergipe são retomadas no formato não presencial. **G1 SE**, 15 de junho de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/06/15/aulas-da-rede-estadual-em-sergipe-sao-retomadas-no-formato-nao-presencial.ghtml>>. Acesso em: 25/07/2020.

Desde quando iniciei na profissão, em 2015, faço uso de recursos digitais em minhas aulas. Inclusive, na graduação participei do Programa de Educação Tutorial do curso de História da Universidade Federal de Sergipe (PET História) e tive um professor que foi referência de profissional – ele elaborava aulas excelentes. Hoje, percebo o quanto aquelas aulas foram inspiradoras e preparadoras, pois os recursos que ele trazia como parte da sua aula, eram na verdade a forma que encontrava para nos dizer: “ aprendam, utilizem os recursos digitais também, pois vocês são profissionais do século XXI”.

Aqueles ensinamentos, alguns diretos outros indiretos, foram fundamentais para a profissional que sou. Atualmente, com os desafios das aulas *online*, percebo o quanto meu processo de formação contribuiu para o fato de eu estar conseguindo, em partes, lidar com esse “novo normal” da educação. Não dou aulas perfeitas, nem tampouco “futuristas”, mas tenho procurado me aperfeiçoar e equilibrar as vantagens das aulas ditas “tradicionais” com aulas mais leves e interativas – vejo como uma forma de amenizar a tensão e insegurança desse momento de ensino à distância.

No geral, não tem sido fácil levar o ensino remoto aos alunos, principalmente aos da rede pública, que na maioria das vezes não possuem o acesso à *internet*, por exemplo. Nós vivemos em um país em que as desigualdades sociais são gigantes, e na situação atual, de estarmos vivenciando uma pandemia, essa desigualdade tem se tornado cada vez mais gritante, desumana e injusta – ao mesmo tempo, temos visto ultimamente o quanto os professores, gestores e pais estão se esforçando para “fazer acontecer” o ensino a distância.

Se vivenciar este momento insólito já é incerto e difícil, o que dizer sobre o ensino pós-pandemia? De fato, que nossos discentes já estudaram ou ouviram falar das mais variadas pestes, mazelas, desastres, guerras mundiais que os nossos antepassados presenciaram. Porém, apesar de nos voltarmos para o passado com o respeito que ele merece, nada se compara com o viver, conscientemente, o fato histórico, ser ator desse enredo complexo que se escreve<sup>15</sup>. Por razões como essas, este trabalho reflete sobre como ensinar sobre o imediato, como ensinar história do tempo presente a partir do uso das novas tecnologias, mais especificamente, a partir das fontes trazidas para o professor/historiador através do mundo digital.

---

<sup>15</sup> Muitas vezes os alunos olham para o passado como ficção, como algo longe da realidade deles, algo desinteressante e de veracidade contestável.

Cientes da importância da tecnologia para a educação no tempo presente – em sala de aula ou fora dela<sup>16</sup> –, objetivamos desenvolver como produto final o *podcast* #Covid-19 – Memórias da Pandemia no Brasil, que ajudará aos professores de História ensinar sobre a Pandemia da Covid-19. Levando em consideração que os alunos do século XXI são nativos digitais<sup>17</sup> e estão vivenciando esse momento histórico, iremos aproveitar fontes ligadas diretamente a eles, como memes, charges, *fake news*, postagens oficiais em redes sociais, vídeos, análises de especialistas e não especialistas em canais do *Youtube* e de outras plataformas que a Rede Mundial de Computadores, a *internet*<sup>18</sup>, nos possibilita atualmente.

Como já mencionado anteriormente, o trabalho em questão trata-se de um estudo de História do Tempo Presente, e o nosso grande desafio é o fato de estarmos abordando algo ainda em curso, que é a pandemia da Covid-19 no Brasil – o mundo todo está vivenciando este problema, que por sinal tem tomado a atenção de toda a comunidade científica. Conhecedores do desafio que é trabalhar com história do tempo presente, recorreremos as contribuições teórico-metodológicas de autores como Marc Bloch, Julio Aróstegui, François Bédarida, Hugo Fanzio Vengoa, Agnès Chauveau e Philippe Tétart, que são, dentre outros grandes nomes, referências ao se trabalhar com História do Tempo Presente.

Após nos debruçarmos em algumas leituras, constatamos que não há um marco “concreto” para a aparição da História do Tempo Presente (HTP), e o marco cronológico difere de sociedade para sociedade. No entanto, sabemos que a HTP surge com o propósito de explicar o mundo Pós-Guerra, em que não se trata de um “simples relato” do presente, mas sim uma forma de fazer a história problema, na qual há a interação e união do presente e do passado.

A História do Tempo Presente é um campo recente na pesquisa histórica, é tanto que a mesma, muitas vezes, é confundida com jornalismo. Como mesmo dissera Julio Aróstegui (2004), por vezes o presente é visto como reportagem, no entanto, esse presente pode e deve sim ser trabalhado pelo historiador. E é justamente isso que nos propomos a fazer, baseando-

---

<sup>16</sup> Você escolhe se, enquanto professor, a utiliza ou se ouve seus alunos falarem dela e fica à margem, prendendo-se apenas ao chamado “ensino tradicional”.

<sup>17</sup>De acordo com Marc Prensky, os alunos de hoje são *Nativos Digitais*, pois são todos “falantes nativos” da linguagem digital, já nós somos *Imigrantes Digitais*, pois apesar de não termos nascido no mundo digital, adotamos as tecnologias em nosso dia a dia. Ver mais em: PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 08/06/2020.

<sup>18</sup> Com abertura comercial em 1995, a internet passou a ser utilizada para diversas finalidades. Vista como uma grande transformação, a internet é empregada, desde então, não só como uma ferramenta de comunicação e aprendizagem, mas, também, como uma grande arma política, como uma grande propagadora dos mais distintos ideais por todo o mundo. Ver mais em: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.

nos em obras como: *Tempo Presente e presença da história* (2005), de François Bédarida, o qual traz em seu trabalho os aspectos da História do Tempo Presente e a importância de trabalhar com a história recente, levando em consideração a responsabilidade moral do historiador – para ele, “o historiador não pode furtar-se à sua responsabilidade moral como pessoa e cidadão”–; *La historia del tiempo presente: una historia en construcción* (1998), de Hugo Vengoa, o qual afirma que a História do Tempo Presente é uma maneira de se fazer história e que assim como toda operação historiográfica, não se finda, está sempre em construção; *Sobre la Historia del Presente* (2004) e *La Historia Del presente: ¿una cuestión de método?* (2004), de Julio Aróstegui, que por sua vez aborda a problemática do método da História do Tempo Presente, e de como esta muitas vezes é vista como reportagem, como jornalismo – para o autor, ver a história do presente como jornalismo, é algo totalmente equivocado, pois o presente é sim objeto de estudo do historiador, e portanto deve ser estudado a partir de métodos tal qual os demais trabalhos históricos.

Utilizaremos também as obras *A História, os homens e o tempo* (2001) e *A estranha derrota* (2011), de Marc Bloch, as quais são obras que evidenciam o posicionamento do autor de que a história é a ciência do homem no tempo, e que por conseguinte, tudo que refere-se ao homem, é objeto de estudo da história; *Uma História Social da Mídia* (2006), de Asa Briggs e Peter Burke, na qual os autores fazem uma ampla abordagem da história da mídia e de como a informação interfere nas relações de poder do tempo presente; *Por uma História Política* (2003), de René Rémond, que por sua vez traz uma nova abordagem da história política, a qual, a partir da década de 1970, passa por uma grande transformação e deixa de ser a “história dos tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades”, passando a estar, cada vez mais, presente no meio midiático, que por sua vez, desempenha o papel singular de formador da opinião pública. Ainda no referente ao meio midiático, utilizaremos *História dos, nos e por meio dos periódicos* (2010), de Tania Regina de Luca, em que a autora, mostra-nos como a partir da segunda metade do século XX se começou a perceber as potencialidades da imprensa como fonte histórica.

No tocante a Rede Mundial de Computadores utilizaremos *Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet* (2011), *Escritos sobre história e internet* (2011), de Dilton Cândido Santos Maynard, o qual se dedica a analisar desde o surgimento da *internet* e sua liberação para fins comerciais aos seus diversos usos no tempo presente – inclusive no campo educacional –; *Digital Natives, Digital Immigrants* (2001), de Marc Prensky, que cunha os termos “imigrantes digitais” e “nativos digitais” tão fundamentais para

entender a sociedade do século XXI; *Cibercultura* (1997), de Pierre Lévy que por sua vez, aborda questões singulares – e ainda bastante atuais – acerca da aprendizagem com o advento das tecnologias digitais. Além das obras/autores citados, utilizaremos também *Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web* (2005), de Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig, os quais abordam as diversas possibilidades do digital nas humanidades, especificamente na operação histórica no Tempo Presente – Cohen e Rosenzweig, são os grandes nomes da chamada *Digital History*.

Ao buscarmos no banco de dissertações do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) trabalhos que abordam o uso das novas tecnologias para o ensino-aprendizagem, mais especificamente o *podcast*, encontramos duas dissertações. A primeira, *Usos e possibilidades do podcast no ensino de história* (2016), de Raone Ferreira de Souza, que desenvolveu uma oficina de produção de *podcast* para professores da Educação Básica, quebrando barreiras entre os espaços tradicionais de ensino e o ciberespaço. A segunda, *Podcasts de Storytelling: A produção de narrativas históricas digitais para o ensino de história* (2018), é de João Victor Loures. Loures, além de desenvolver uma discussão sobre as possibilidades, vantagens e desvantagens do uso dos *podcasts* de *storytelling*<sup>19</sup> para o ensino de história no ensino fundamental, produziu junto com os alunos do Colégio Estadual Alberto Rebelo Valente (Ponta Grossa-PR) *storytelling* sobre o período da Primeira Guerra Mundial, utilizando fontes disponíveis na *internet*.

No tocante ao Ensino de História, nos debruçaremos em textos como o de Circe Bittencourt, *Ensino de História: fundamentos e métodos* (2008) e *Reflexões sobre o ensino de História* (2018), em que a autora aborda a necessidade de mudanças no ensino de História em virtude dos impactos das novas tecnologias no ensino-aprendizagem no século XXI<sup>20</sup>. Também recorreremos aos estudos de Keila Grinberg e Anita Almeida (2012), que têm se dedicado a pesquisar os usos didáticos da Internet.

O papel do historiador vem sofrendo muitas mudanças desde o advento da *internet*. Diferente dos grandes nomes do século passado que após duas grandes guerras tiveram que “reconstruir a história”, nós não precisamos reconstruí-la<sup>21</sup>, no entanto, precisamos nos reinventarmos, nos “adequarmos” as mudanças que as novas tecnologias têm causado no nosso ofício – e essas mudanças podem ser percebidas desde a escrita, ao modo de se

---

<sup>19</sup> Literalmente “contar história” [tradução nossa].

<sup>20</sup> Ver mais em: BITENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 32, n. 93, maio/ago. 2018.

<sup>21</sup> Ver mais em: CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 24, n.69, p.12, 2010.

armazenar o conhecimento produzido na atualidade. Os livros impressos coexistem com os de formato digital; o excesso de produções em algumas situações podem ser um problema, visto que sem uma orientação adequada (no caso dos alunos) ou um conhecimento prévio acerca da temática, não se consegue “filtrar” as produções e por consequência a veracidade/qualidade do que está sendo lido, visto ou ouvido<sup>22</sup>, além dos “pesquisadores” por *hobby* (jornalistas, *youtubers* e tantos outros simpatizantes da história) que escrevem sobre os mais variados assuntos, principalmente sobre os que estão relacionados ao tempo presente.

Assim, mais do que nunca, se faz necessário ocuparmos nosso lugar de fala, equilibrar os benefícios do mundo digital com os bons e velhos (necessários) procedimentos do fazer historiográfico, afinal é o conhecimento técnico, o uso de metodologias, que nos diferencia – além, é claro, do nosso dever ético e moral em buscar mecanismos (mesmo que indiretamente) para levar o conhecimento aos que têm sido duramente excluídos, deixados para trás. É preciso democratizar o ensino e isso só é possível quando as diferenças são levadas em consideração. A pandemia da Covid-19 tem exposto não só as fragilidades do nosso sistema de saúde, como também tem evidenciado a falta de acesso à educação e informação de milhares de brasileiros.

Levando em consideração as questões acima citadas e os autores mencionados, a presente pesquisa busca utilizar os benefícios do mundo digital no ensino de história para assim criar um produto final que terá como principal objetivo possibilitar aos discentes das redes públicas e particulares o acesso a informação de qualidade a respeito da pandemia da Covid-19 no Brasil.

---

<sup>22</sup> ALMEIDA, Anita; GRINBERG, Keila. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, 2012. Disponível em: <<https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>>. Acesso em: 30/05/2020.

## Capítulo I

### HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E O ENSINO DE HISTÓRIA NA ERA DIGITAL

O primeiro capítulo deste trabalho busca discutir questões teóricas-metodológicas acerca da História do Tempo Presente e sobre o Ensino de História no século XXI. Os métodos da História do Tempo Presente orientaram o desenvolvimento deste trabalho, que tem por objetivo refletir sobre como ensinar o imediato, como ensinar história do tempo presente a partir do uso das novas tecnologias, mais especificamente, a partir das fontes trazidas para o professor/historiador através do mundo digital.

O capítulo está organizado em três partes. No primeiro momento, apresentamos uma breve discussão da natureza da História do Tempo Presente e sua metodologia. Em seguida, discorremos sobre o “ensinar” no século XXI. Por último, fazemos um levantamento sobre o Ensino de História no Brasil.

#### 1.1 Sobre métodos e conceitos: a História do Tempo Presente

Muito se fala sobre a natureza da História do Tempo Presente. Para alguns se trata de um novo campo da história, já para outros não passa de jornalismo. Seguindo o que nos falara Hugo Fazio Vengoa, trata-se de uma nova maneira de escrever a história, e que como toda operação historiográfica, está em processo de construção<sup>23</sup>.

No século XIX acreditava-se que para manter a objetividade era necessário se afastar muitos anos do objeto de estudo, pois caso contrário não produziria história. A busca da objetividade proposta pelo positivismo<sup>24</sup> tornava o estudo do presente algo “proibido” para os historiadores daquela época<sup>25</sup>. No entanto, os inúmeros acontecimentos que marcaram o século XX tenderiam a corroborar para a mudança desses paradigmas.

---

<sup>23</sup> VENGOA, Hugo Fanzio. La historia del tempo presente: una historia en construcción. **Historia Crítica**, nº 17, Jul-dic. 1998.

<sup>24</sup> No decorrer do livro “História e Memória”, Jacques Le Goff discute o papel do historiador e também de maneira sucinta fala de como a história passara por várias transformações, desde a antiguidade com os historiadores antigos ao século XX, com a nova história, os *Annales*. Que por sua vez, permitiu o surgimento de uma história mais abrangente, contendo aspectos econômicos, sociais e culturais. Ver mais em: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>25</sup> Apesar de dizermos que é no século XX que nasce a História do Tempo Presente, não quer dizer que o presente não tenha sido objeto de estudo doutros historiadores. Conforme nos mostra Bédarida, a História do Tempo Presente insere-se numa longa tradição que remonta a Heródoto e a Tucídides, tendo um exemplo brilhante em “A estranha derrota”, de Marc Bloch. Ver mais em: BÉDARIDA, François. Tempo presente e

Dentre as significativas mudanças que o século XX trouxe para a história, destacamos o surgimento da Revista *Annales* (*Annales d'histoire économique et sociale*) – marco do surgimento da nova história – criada por Marc Bloch e Lucien Febvre. É com os *Annales* que se dará uma ampliação do domínio da história em vários eixos, como a história econômica e social, história das mentalidades e as investigações interdisciplinares, o que possibilitou o surgimento de outras revistas que abordam esse imenso leque que se tornou a história. Pondo fim, de certo modo, ao etnocentrismo e disseminando a história para outros ambientes, não ficando restrita apenas a Europa.

O século XX possibilitou o nascimento de uma nova história, uma nova história literalmente falando, pois, o alargamento das fontes trouxe para a história os seres humanos em sua totalidade, totalidade no sentido de que agora não somente os grandes homens e feitos grandiosos eram narrados na história. Assim, a partir dos *Annales* tudo que desrespeito ao homem merece ter atenção do historiador. Os *Annales* revolucionaram o modo de se pensar e de se fazer história, quebrando com vários “dogmas” que já vinham sendo perpetuados pelas tendências anteriores. Mostrando-nos também que pelo fato do historiador está inserido em um determinado tempo, é impossível que o mesmo seja totalmente imparcial. Diferentemente de séculos atrás, hoje os historiadores tomaram conhecimento de que tudo é história e que por conta disso, tudo que ocorre perante a vida humana merece a atenção do historiador, sendo a história “componente indispensável de toda atividade temporal”<sup>26</sup>.

Assim, a necessidade de explicar o mundo pós 1945 fez nascer o interesse de trabalhar a história recente. No início, ao menos no caso europeu, ela esteve intrinsecamente ligada ao Estado, pois se tratava de uma história institucional, produzida para retratar o que era conveniente e agradável. Essa era uma época em que nem tudo do presente era bonito para ser narrado, assim, era importante, para o Estado, ter controle do que era produzido.

Após 1945 foram criados vários institutos, a fim de explicar a história recente da Europa. Com os institutos, muita coisa foi produzida, documentos foram conservados. No entanto, como a maioria dos institutos estavam diretamente ligados ao Estado, se escrevia o que era apropriado, consensual, deixando “de lado” feridas que ainda estavam abertas. Um exemplo é o Comitê para a História da Segunda Guerra que:

---

presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 220.

<sup>26</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4ª ed. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996, p. 144.

*Conduziu grandes pesquisas acerca da resistência e da deportação, mas deixou de lado a história da perseguição aos judeus na França para o Centro de documentação judaica Contemporânea, sob feito de que a resistência era um assunto que interessava toda à nação enquanto à perseguição aos judeus interessava, sobretudo, à comunidade judia<sup>27</sup>.*

Como podemos ver nessa citação do historiador Pieter Lagrou, professor da *Université Libre de Bruxelles* e pesquisador do *Institut d'histoire du temps présent (IHTP)*, era mais oportuno falar da resistência do povo francês, do que de sua colaboração, da sua indiferença ao que estava acontecendo ao povo judeu, vítima não só dos “carrascos”, mas também de significativa parcela da população civil que preferiu “fechar os olhos” para o que estava ocorrendo no país.

Assim, somente a partir dos anos 1970 nasce a História do Tempo Presente. Uma história que vai trabalhar o recente, mas que diferentemente dos ensaios e sínteses do Pós-guerra buscará a verdade, mesmo que não seja possível encontrá-la por completo.

A consolidação da História do Tempo Presente está ligada à criação do Instituto de História do Tempo Presente, na França, em 1978, por François Bédarida. O primeiro editorial do *Bulletin de L'IHTP*, intitulado *A nova Oficina de Clio* representaria “à audácia de uma aventura intelectual coletiva”, que tenderia a ir contra antigos paradigmas da nossa profissão.

Nesta nova forma de fazer a história, é marcante a união e interação do presente e do passado, conforme defenderam Marc Bloch e Lucien Febvre ao proporem que se faça uma história problema, uma história que seja capaz de explicar o mundo, uma história que seja capaz de explicar o homem no tempo<sup>28</sup>.

A História do Tempo Presente é uma história que vive de renovação. O historiador do tempo presente não sofre com a falta de fontes, pois elas são abundantes, eles sofrem para escolher o que trabalhar e o que inevitavelmente deixar de fora de sua pesquisa. É uma história constituída pela correção, acréscimos ao longo do tempo. Segundo François Bédarida<sup>29</sup>, a História do Tempo Presente deve ser escrita a partir de três lições: a relação entre história e verdade, história e totalidade e história e ética.

---

<sup>27</sup>LAGROU, 2009, p. Pieter. **A História do Tempo Presente na Europa depois de 1945 - Como se constituiu e se desenvolveu um novo campo disciplinar** Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº15, Rio, 2009 [ISSN 1981-3384]. Disponível em: <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4882:a-historia-do-tempo-presente-na-europa-depois-de-1945&catid=36&Itemid=127](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4882:a-historia-do-tempo-presente-na-europa-depois-de-1945&catid=36&Itemid=127)>. Acesso: 30/06/2014.

<sup>28</sup>BLOCH, Marc. A História, o homem e o tempo. In: **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.52.

<sup>29</sup>BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

A verdade, apesar de não ser possível encontrá-la por completo, deve ser uma constante no ofício do historiador:

*A despeito de tudo a busca da verdade deve ser explicitamente considerada a regra de ouro de todo historiador digno desse nome. Alfa e ômega desse ofício. Mesmo sabendo que não conseguimos jamais dominar essa verdade, mas apenas nos aproximar dela. Chama vacilante e frágil na noite, mas que apesar de tudo ilumina o nosso caminho e sem a qual mergulharíamos nas trevas*<sup>30</sup>.

Para Bédarida, o ofício de historiador presta-se, sim, a chegar à verdade e o fato de termos consciência de que jamais chegaremos a total verdade, não deve nos impedir de buscá-la. Sendo que a verdade histórica nada mais é do que a interação entre os componentes do passado e o “espírito do historiador”, em que a realidade histórica precede de uma mistura, complexa, de objetividade e subjetividade. O que não quer dizer que não devemos ser rigorosos na produção de nossa análise. O historiador do tempo presente, assim como os demais, pode ser subjetivo ao se aproximar do seu objeto de estudo, mas deve buscar o objetivismo na elaboração da análise.

Outra lição dada por Bédarida, é acerca da história e a totalidade. Para o autor, a História do Tempo Presente deve ter um olhar mais amplo para ser melhor compreendida, pois deve-se ter a noção que um determinado fato (objeto de estudo) está ligado com algo maior. Um exemplo são os *skinheads* de hoje, os quais têm uma “ligação” com o nazismo de antes. Ou seja, devemos orientar nossas pesquisas para problemáticas globais. É necessário estudar os problemas e não os períodos.

Mas de fato, a grande questão na construção dessa história, está no que se refere a responsabilidade moral do historiador. Para Bédarida, “o historiador não pode furtar-se à sua responsabilidade moral como pessoa e como cidadão”<sup>31</sup>. É preciso considerar a função social do historiador. Principalmente porque se trata de uma história que está sempre em construção, “um trabalho que não se encerra”<sup>32</sup>.

Desta forma, apesar de muitas vezes o presente ser visto como reportagem, como objeto de estudo dos jornalistas, esse presente pode e deve sim ser trabalhado pelo

---

<sup>30</sup>BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 222.

<sup>31</sup>“Se o historiador deve manter um distanciamento crítico em reação ao seu objeto de estudo e proceder com discernimento e rigor, nem por isso ele consegue ser neutro. [...] Pois nele existe apenas uma consciência e somente uma: a consciência de historiador é sua consciência de homem”. Ver mais em: BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 222.

<sup>32</sup> Idem, p. 22.

historiador<sup>33</sup>. E é justamente isso que este trabalho se propõe a fazer ao pensar o ensino do imediato – no nosso caso, a pandemia da Covid-19 – a partir dos recursos do mundo digital.

## 1.2 O “ensinar” no século XXI

As tecnologias no século XXI são de extrema importância para a pesquisa e o Ensino de História. Mas, isso não quer dizer que o historiador/professor precisa ser um especialista em computadores para explorá-las – ser um “hacker” ou “nerd”, por exemplo. Até porque o nosso convívio com as tecnologias digitais e com a internet é um tanto recente. Como já nos lembrara Cohen, se toda história humana fosse condensada em 24 horas, as mídias como nós conhecemos hoje teriam aparecido pouco antes da meia-noite<sup>34</sup>.

Ainda nos últimos anos da década de 1990, os computadores foram objetos de interesse de alguns historiadores. Podemos até pensar que nós temos um acervo imenso de pesquisas sobre as novas tecnologias, porém, não é bem assim. Apesar do entusiasmo inicial, nos primeiros anos dos anos 2000, pouco ou quase nada foi escrito sobre a pesquisa histórica em tempos de internet.

Por um tempo, parece ter havido certa aversão (ou seria medo?), por parte de alguns pesquisadores, ao uso das tecnologias na pesquisa histórica. No entanto, esses pesquisadores esquecem que a própria História, enquanto campo do conhecimento, tem sofrido mudanças ao longo dos anos. Por mais que a internet e as fontes trazidas por ela causem desconforto aos pesquisadores, elas não devem ser deixadas de lado. Podemos e devemos utilizar as tecnologias digitais, e isso não anulará as preocupações típicas do fazer história, as perguntas tradicionais que cercam todo historiador continuarão: *quem, o que, quando, onde e por quê?* e serão responsáveis por movimentar nossas investigações. Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, diz-nos que:

*Se as ciências tivessem, a cada uma de suas conquistas, que buscar por uma nova denominação para elas, que batismos e que perdas de tempo no reino das academias! Mesmo permanecendo pacificamente fiel a seu glorioso*

---

<sup>33</sup> ARÓSTEGUI, Julio. **La Historia del Presente: ¿una cuestión de método?** Disponível em: <[http://www.historiacontemporanea.ehu.es/s0021con/es/contenidos/boletin\\_revista/00021\\_revista\\_hc30/es\\_revisita/adjuntos/30\\_15.pdf](http://www.historiacontemporanea.ehu.es/s0021con/es/contenidos/boletin_revista/00021_revista_hc30/es_revisita/adjuntos/30_15.pdf)>. Acesso em: 01/08/2013.

<sup>34</sup> COHEN, June. The rise of social media is really a reprise. In BROCKMAN, John (Org.). **Is the Internet changing the way you think?** New York: Harper Perennial, 2011.p.38. Ver também MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44800>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

*nome helênico, nossa história não será absolutamente, por isso, aquela que escreveu Hecateu de Mileto; assim como a física de Lord Kelvin ou de Longevin não é a de Aristóteles*<sup>35</sup>.

Desde que as tecnologias digitais começaram a se popularizar, elas têm encantado, mas, também têm provocado o surgimento de críticos ferrenhos, que as veem como “aniquiladoras de profissões”. No meio acadêmico há uma resistência em se admitir os reais potenciais da Internet, sendo poucos os trabalhos desenvolvidos acerca dessa temática/demanda – apesar dos inúmeros benefícios que podem trazer para a pesquisa histórica. De acordo com Dilton Maynard<sup>36</sup>, ainda há pouco interesse, por parte dos historiadores brasileiros, em escrever sobre a chamada História Digital:

*Ao que parece, experimentamos um curioso paradoxo. A constatação se dá porque embora a maioria dos historiadores utilize cotidianamente a Internet e seus recursos em suas pesquisas: e-mails, listas de discussão, sites oficiais, sistemas de editoração eletrônica, divulgação através de redes sociais e até mesmo a maior associação brasileira de professores e pesquisadores de História – a ANPUH – disponha de um site ([www.anpuh.org](http://www.anpuh.org)) para apontar seleções, lançamentos e eventos, os seus associados (a maior parte deles docentes) não costumam se envolver com reflexões sobre recursos digitais*<sup>37</sup>.

A escassez de reflexões acerca dos usos dos recursos digitais corrobora para que eles pouco sejam utilizados na pesquisa e no ensino. Tínhamos visto até então, de maneira ainda tímida, o uso dos mesmos na Educação Básica, utilizados por meio de iniciativas isoladas dos professores. No entanto, não se tratava de um uso geral, muito menos guiado por suportes metodológicos.

Keila Grinberg e Anita Almeida compartilham da mesma impressão de Maynard acerca do pouco interesse dos historiadores brasileiros pelo uso do digital na pesquisa e no ensino de História. De acordo com as autoras, *os usos didáticos da internet, em sentido mais global, ainda parecem bem modestos*<sup>38</sup>, pois são poucos os historiadores que se preocupam

---

<sup>35</sup> BLOCH, Marc. A História, os homens e o tempo. In: **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.p.51

<sup>36</sup> MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44800>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

<sup>37</sup> Idem, p. 106.

<sup>38</sup> ALMEIDA, Anita; GRINBERG, Keila. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, p. 317, 2012. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>>. Acesso em: 30/05/2020.

em refletir como a História tem sido ensinada e os impactos/mudanças que as tecnologias digitais têm causado no processo de ensino-aprendizagem. Segundo as autoras, isso se dá, em partes, porque:

*[...] o interesse pelo próprio ensino de História, como área de reflexão e de produção, ainda é restrito na universidade. Um fenômeno que se observa é que, embora o campo tenha crescido bastante nos últimos anos, ainda são relativamente poucos os historiadores que se dedicam a pensar a forma como a História é ensinada nas escolas<sup>39</sup>.*

Tanto Maynard como Grinberg e Almeida, além discorrerem sobre esse desinteresse pelo ensino de História na era digital, evidenciam também a importância dos mestrados e doutorados profissionais, visto que, ainda em pouca quantidade, são as teses e dissertações desses programas que têm trazido para o meio acadêmico discussões sobre o ensino de História.

Circe Bittencourt em seu texto *Reflexões sobre o ensino de História* – apesar de não se tratar de uma discussão profunda, no que diz respeito a refletir especificamente sobre o uso das tecnologias no ensino – aborda de maneira geral a necessidade de mudanças no ensino de História em virtude de diversas questões, dentre elas, o impacto das novas tecnologias no ensino-aprendizagem. De acordo com a autora, a disciplina, que já passou por inúmeras modificações ao longo de sua existência, tem que se adequar as novas demandas do século XXI<sup>40</sup>, e a incorporação da internet na pesquisa e no ensino é, sem dúvida, uma das mais desafiadoras e necessárias.

Com a pandemia do novo coronavírus e o início do ensino remoto, o uso dos recursos digitais aumentou de maneira substancialmente no Brasil entre os profissionais das redes públicas e privadas. Se antes os discentes nem se quer eram incentivados a pensarem sobre o digital, agora são motivados a aplicar as metodologias tradicionais ao seu cotidiano digital, com a experiência das aulas *online*.

Não cabe a nós fazermos “previsões”, tampouco podemos afirmar integralmente, porém acreditamos que no pós-pandemia haverá uma maior aceitação das novas tecnologias tanto no ensino quanto na pesquisa. Mesmo a popularização da internet tendo mais de vinte anos, foi uma pandemia mundial que deixou evidente todas as suas potencialidades. Agora,

---

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Ver mais em: BITENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 32, n. 93, maio/ago. 2018.

parece que mais se fala dos seus benefícios do que dos seus malefícios. Talvez, a questão seja que a pandemia da Covid-19 mudou as coisas da ordem da opção para a da condição: somos obrigados a usar as novas tecnologias ou não conseguimos chegar aos nossos alunos.

Hoje, as novas tecnologias, que já nem são tão novas assim, têm desempenhado vários papéis, elas entretêm, movimentam as economias mundiais, são utilizadas para comunicação, têm aproximado pessoas no mundo todo e possibilitado a continuidade do ano letivo através das aulas remotas, sem falar que, diversos pesquisadores – de várias áreas do conhecimento – têm a utilizado para realizar ou participar de eventos acadêmicos, *lives*, rodas de conversas *online*, entrevistas para os veículos de comunicação.

### **1.3 O Ensino de História no Brasil**

Como mencionamos anteriormente, o uso dos recursos digitais na História tem sido pouco discutido pelos pesquisadores brasileiros. Ainda que timidamente – e de maneira desorganizada, sem um princípio acadêmico – a História Digital no Brasil tem ganhado espaço entre os professores da Educação Básica. São eles que têm utilizado as abordagens da História Digital no Brasil, desenvolvido experiências reais no ensino de História.

Falar em História Digital no Brasil é mais complexo do que parece, pois, os movimentos em torno de uma História Digital à brasileira não são concisos. Principalmente porque aqui o acesso a recursos digitais como computadores, *tablets*, celulares, e a própria internet não é algo democratizado.

Inicialmente, aqui no Brasil, a rede mundial de computadores esteve a serviço de instituições acadêmicas<sup>41</sup> como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nos primeiros anos do século XXI, uma combinação de fatores contribuiu para a ampliação do acesso à internet no Brasil. A privatização das telecomunicações e os programas de incentivos fiscais aumentaram o acesso dos brasileiros a rede. Porém, não o suficiente para transpassar a espantosa desigualdade social existente em nosso país.

O século XXI apresenta muitos desafios para o Brasil em relação à internet. Possivelmente, o maior deles está na redução da assimetria de acesso à internet nas classes

---

<sup>41</sup> Ver mais sobre a história da Internet no Brasil em: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Editora Luminária academia, 2011.

sociais, sobretudo àquelas que vivem em áreas rurais<sup>42</sup>. Em 29 de abril de 2020 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018. De acordo com a pesquisa, uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, ou seja, 46 milhões de brasileiros não acessam a rede. Tais dados demonstram o quanto são indispensáveis investimentos de infraestrutura no campo para permitir acesso de qualidade à internet – já que um número alto de moradores da área rural é excluído – e a necessidade de o Estado realizar programas de inclusão digital em áreas carentes das grandes cidades.

As salas de aulas brasileiras têm uma grande maioria de meninos e meninas que nasceram após o advento da internet comercial e a explosão das redes sociais. E isso significa que para esses alunos o uso de teclados e telas de computador, telefones celulares e tablets – independentemente dos problemas de acesso acima citados, de preços ou marcas – é algo quase natural.

No Brasil a História Digital tem se fortalecido na Educação Básica. Não são as Universidades, as Academias, as indutoras de inovação no uso de recursos digitais na Educação. Tampouco é o Ministério da Educação ou mercado editorial. As mudanças estão surgindo diretamente da sala de aula: são os professores aqueles que melhor estão utilizando a internet para contar, pesquisar e apresentar a História aos alunos<sup>43</sup> – isso antes mesmo da pandemia e do início das aulas *online*.

O uso dos recursos digitais aqui no Brasil para fins de pesquisa e educacionais (metodologicamente guiados) é muito tímido, ainda há muito a percorrer. Enquanto na Europa, por exemplo, centros de pesquisa demonstram consolidação e empreendem iniciativas para atender a professores e alunos de graduação, no Brasil a sala de aula da Educação Básica – com professores, alguns ainda analógicos, e alunos *nativos digitais* – tem sido o espaço principal da “experimentação” de uma História Digital.

Até o início da pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19) – não temos certeza se a aversão/medo as tecnologias permanecerão no meio acadêmico no pós-pandemia –, identificávamos aqui no Brasil uma espécie de *neoludismo*. Demonizando as redes sociais,

---

<sup>42</sup> TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. **Agência Brasil**, 29 de abril de 2020. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em: 26/07/2020.

<sup>43</sup> Ver mais em: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44800>>. Acesso em: 26/07/2020.

o *Google* ou o celular, acadêmicos deixaram as brechas para a ocupação desses espaços por pesquisadores desvinculados das universidades, mas também do compromisso da sala de aula. Temos hoje na *Web* ambientes repletos de *Fake News* e argumentos revisionistas. O que acaba por ser mais um desafio enfrentado pelos professores da Educação Básica.

A utilização da internet nas aulas, para contar, pesquisar e apresentar a História aos alunos, não deve ser feito de maneira desordenada. É fundamental a orientação do professor. Como bem nos lembrou Grinberg e Almeida, que possuem um projeto de História Digital com os alunos da Educação Básica<sup>44</sup>, é preciso preparar os alunos *para navegar, e pegar bons peixes, no mar que é a internet*<sup>45</sup> – principalmente nessa “era” de *Fake News*.

O uso da internet por grupos extremistas vem sendo um desafio a mais para o professor de História. Pela rede, são difundidas versões distorcidas de inúmeros acontecimentos históricos, são revistos a partir de uma visão de mundo preconceituosa, alicerçada na intolerância<sup>46</sup>. A História, mais do que qualquer outra disciplina, é objeto de interesse desses grupos extremistas. E o fato dos historiadores ainda não terem ocupado os espaços digitais é visto como uma oportunidade para os propagadores de *Fake News*.

Ao nos propormos a construir *podcasts*, usando assim o ciberespaço como lugar para ensinar história, acreditamos que contribuímos para a inserção de informação qualificada na rede. Mais do que isso, oferecemos aos nossos alunos leituras da história ancoradas em procedimentos clássicos e controláveis de produção do conhecimento histórico, evidenciando a distância entre aquilo que fazemos e o trabalho de negacionistas ou de ativistas cibernéticos tão somente preocupados em perverter os fatos históricos.

---

<sup>44</sup> O site *Detetives do Passado* é um espaço de atividades de investigação e pesquisa escolar, voltado para alunos da Educação Básica, tanto dos últimos anos do ensino fundamental, como do ensino médio. Ver mais em: ALMEIDA, Anita; GRINBERG, Keila. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, p. 320, 2012. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>>. Acesso em: 30/05/2020.

<sup>45</sup> Idem, p. 323.

<sup>46</sup> O historiador Diego Leonardo Silva escreveu em sua dissertação de mestrado sobre a página revisionista Metapedia. O autor faz uma discussão acerca do negacionismo no ciberespaço. Ver mais em: SILVA, Diego Leonardo Santana. **Sobre o negacionismo no ciberespaço : a "enciclopédia alternativa" Metapedia e sua proposta de educação histórica**. 2017. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848>>. Acesso em: 27/07/2020.

## Capítulo II

### A PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE INTERNET

No segundo capítulo deste trabalho abordamos questões acerca do Ensino de História durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Discorreremos sobre o papel primordial que a *internet* teve para a continuidade das aulas de 2020 na Educação Básica – rede pública e particular.

O capítulo está organizado em duas partes. Inicialmente, discutimos sobre o ensino remoto e o uso da *internet* durante a pandemia da Covid-19, e por último fazemos um relato pessoal sobre as aulas de História durante o ano letivo de 2020.

#### **2.1 Do quadro para as telas digitais: o ensino remoto e a pandemia da Covid-19 no Brasil**

A cada novo ano letivo há uma gama de aspirações por parte de toda a comunidade escolar. A esperança de um ano melhor, diferente e próspero contagia a todos, principalmente os alunos, sejam eles crianças ou adolescentes.

Apesar dos primeiros casos de humanos infectados pelo novo coronavírus terem ocorrido em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China, e em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o mundo deu “*play*” em 2020 normalmente – viagens internacionais, início das aulas, festas – “afinal, o problema estava na China”. Ninguém imaginaria que em pleno século XXI um inimigo “tão pequeno” iria fazer o mundo parar.

Passados pouco mais de três meses, desde o primeiro caso em Wuhan, o mundo conhecia de fato seu novo inimigo invisível. Diferente da Peste Negra (1347) e da Gripe Espanhola (1918), a pandemia do novo coronavírus se espalhou ligeiramente por todos os continentes. Em março de 2020 o mundo parou, atividades comuns, como aulas, competições esportivas, foram suspensas sem previsões de retorno. Para alguns as medidas sanitárias

(isolamento social, uso de máscaras, álcool gel) eram alarmistas, desproporcionais, já para outros era o melhor e mais prudente a se fazer no momento. Nesse meio, estavam as crianças entendendo pouco ou quase nada a respeito da suspensão das aulas e do perigo desse inimigo invisível.

Após alguns dias sem aulas e finalizado o período das férias escolares – tanto na rede particular de ensino quanto na rede pública as férias foram antecipadas para o mês de abril<sup>47</sup> – os alunos e professores se depararam com uma nova realidade, ou o chamado “novo normal”<sup>48</sup>, as aulas remotas.

A Educação a Distância (EAD) já é utilizada há alguns anos no Brasil. Desde a década de 1990, com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20/12/1996) a Educação a Distância tornou-se uma modalidade para o sistema de ensino<sup>49</sup>. Entretanto, de acordo com a LDB, no ensino fundamental as aulas devem ser presenciais, exceto em casos excepcionais:

*Art.32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:*

*[...]*

*§ 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais<sup>50</sup>.*

Assim, em virtude da ocorrência do estado de calamidade pública – por causa da pandemia da covid-19 –, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020<sup>51</sup>, a Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020 estabeleceu normas educacionais excepcionais para o ano de 2020, autorizando o ensino a distância em todos os níveis da

---

<sup>47</sup> Ver mais em: Antecipação de férias dos professores. **FENEN SE**, Aracaju, 26 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.fenense.com.br/comunicado-da-fenen-se-antecipacao-de-ferias-dos-professores/>>. Acesso em: 17/12/2020; Secretaria da Educação antecipa recesso escolar na rede estadual de Sergipe. **G1 SE**, 03 de abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/04/03/secretaria-da-educacao-antecipa-recesso-escolar-na-rede-estadual-de-sergipe.ghtml>>. Acesso em: 17/12/2020.

<sup>48</sup> Tecnologia integra o "novo normal" na Educação pós-pandemia. **R7**, 11 de julho de 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/tecnologia-integra-o-novo-normal-na-educacao-pos-pandemia-11072020>>. Acesso em: 17/12/2020.

<sup>49</sup> Ver mais em: MARTINS, Onilza Borges. Os caminhos da EAD no Brasil. In. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 8, nº. 24, maio-agosto, 2008, pp. 357-371. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116834004.pdf>>. Acesso em: 29/12/2020.

<sup>50</sup>BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm#art32](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art32)>. Acesso em: 29/12/2020.

<sup>51</sup>BRASIL. **Decreto Legislativo nº 6**, de 20 de março de 2020. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/DLG6-2020.htm)>. Acesso em: 29/12/2020.

Educação Básica, assim como também dispensando o cumprimento dos duzentos dias letivos, desde que a carga horária de oitocentas horas fosse mantida:

*Art. 2º Os estabelecimentos de ensino de educação básica, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino, ficam dispensados, em caráter excepcional:*

*[...]*

*II – no ensino fundamental e no ensino médio, da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do inciso I do caput e do § 1º do art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, sem prejuízo da qualidade do ensino e da garantia dos direitos e objetivos de aprendizagem, observado o disposto no § 3º deste artigo.*

*[...]*

*§ 4º A critério dos sistemas de ensino, no ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei, poderão ser desenvolvidas atividades pedagógicas não presenciais:*

*I – na educação infantil, de acordo com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dessa etapa da educação básica e com as orientações pediátricas pertinentes quanto ao uso de tecnologias da informação e comunicação;*

*II – no ensino fundamental e no ensino médio, vinculadas aos conteúdos curriculares de cada etapa e modalidade, inclusive por meio do uso de tecnologias da informação e comunicação, cujo cômputo, para efeitos de integralização da carga horária mínima anual, obedecerá a critérios objetivos estabelecidos pelo CNE<sup>52</sup>.*

A Lei nº 14.040/2020 possibilitou as escolas, sejam elas públicas ou particulares, a seguirem com o ano letivo de 2020. E diante do contexto de calamidade pública, o Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio de pareceres, publicados ao longo do ano letivo de 2020<sup>53</sup>, deu as diretrizes para a implementação das normas educacionais excepcionais. Dentre as orientações para as atividades pedagógicas não presenciais, redigidas pelo Conselho

---

<sup>52</sup>BRASIL. **Lei nº 14.040**, de 18 de agosto de 2020. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Brasília, 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm)>. Acesso em: 29/12/2020.

<sup>53</sup>BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 19**, de 08 de dezembro de 2020. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=167131-pcp019-20&category\\_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=167131-pcp019-20&category_slug=dezembro-2020-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 29/12/2020.

Nacional de Educação, destacamos o Artigo 14, o qual discorre sobre os critérios para o uso das mídias na garantia do ensino-aprendizagem durante as aulas não presenciais:

*§ 3º As atividades pedagógicas não presenciais podem ocorrer, desde que observadas as idades mínimas para o uso de cada mídia:*

*I – por meios digitais (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros);*

*II – por meio de programas de televisão ou rádio;*

*III – pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos estudantes e seus pais ou responsáveis;*

*IV – pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados nos materiais didáticos<sup>54</sup>.*

Apesar das novas possibilidades de ensino garantidas por lei e do alto grau tecnológico que o mundo possui hoje, seguir com o ensino a distância na educação básica não foi uma tarefa fácil. Diferente da EAD, que os profissionais envolvidos passam por capacitações de uso de tecnologias educacionais, metodologias para que de fato ocorra o ensino-aprendizagem<sup>55</sup>, os professores da Educação Básica tiveram que “aprender fazendo”. Durante o ano letivo de 2020 dominar os conteúdos programáticos e trabalhar as competências e habilidades, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>56</sup>, não foi o suficiente. Grande parte do ano letivo de 2020 ocorreu em um novo *locus* de trabalho e de aprendizagem, o que exigiu, principalmente dos docentes, metodologias novas, diferentes das utilizadas nas salas de aulas convencionais da maioria das escolas brasileiras<sup>57</sup>.

No Brasil, a formação docente não prioriza o uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC), mesmo sendo o mundo digital parte integrante da cultura do nosso tempo<sup>58</sup>. O que dificultou ainda mais o processo de adaptação por parte dos profissionais da

---

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> GASPAR, Maria Ivone. Metodologia em educação a distância: reflexões sobre uma unidade curricular. In. **Didática On-line: teorias e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 93-105.

<sup>56</sup> A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que crianças, jovens e adultos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica, estabelecendo, de maneira minuciosa, conhecimentos, competências e habilidades como direitos a serem aprendidos e desenvolvidos. A BNCC tem como finalidade nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino. Ver mais em: PEREZ, Tereza. **BNCC – a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica**. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

<sup>57</sup> Temos ciência que algumas escolas no Brasil, principalmente na rede privada de ensino, já incorporaram as novas tecnologias em suas metodologias de ensino, no entanto, dada a grande desigualdade social existente em nosso país, sabemos que se trata de uma minoria. No geral, nossas escolas e profissionais não utilizam, nem foram capacitados para tornar o ensino mais tecnológico.

<sup>58</sup> MELLO, Diene Eire; MORAES, Dirce Aparecida Foletto de; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Formação de professores e TIC: em busca de inovações didáticas. In. **Didática On-line: teorias e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 123-142.

educação ao chamado “novo normal”. De acordo com Mello, Moraes e Barros, em estudo realizado em 2017:

1. *Boa parte dos professores em exercício que estão na escola básica, não possuem literacia ou fluência digital;*
2. *Boa parte dos professores não tiveram na sua formação inicial disciplinas ou componentes curriculares que tratassem do uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem; [...]*<sup>59</sup>.

Por questões como essas, a mudança abrupta do quadro para as telas digitais – provocada pela necessidade de distanciamento social, em virtude da pandemia da covid-19 –, foi um grande desafio para o professor. Todos os docentes possuíam o domínio dos conteúdos programáticos, isso é fato, mas nem todos o tecnológico. Diante da necessidade de utilizar os recursos digitais para dar continuidade as aulas, vimos papéis se misturarem, os “nativos digitais”<sup>60</sup> passaram a dar dicas aos seus “professores analógicos” de como utilizar recursos midiáticos, aplicativos e plataformas de ensino a distância. A sala de aula digital, terreno até então desconhecido para muitos profissionais, se tornou um lugar de aprendizado constante em 2020.

Não há dúvida da importância dos recursos digitais para a continuidade e fechamento do ano letivo de 2020. A *internet* que para muitos era apenas uma ferramenta de entretenimento, ocupou um lugar de destaque, como “salvadora” da educação durante a pandemia da Covid-19.

## **2.2 Professor “imigrante digital” e aluno “nativo digital” em tempos de covid-19 no Brasil: um relato pessoal**

– *Vimos em seu trabalho a historiadora. E a Gabriela professora, o que ela tem a dizer?*

Essa foi umas das indagações da banca durante o processo de qualificação deste trabalho. Fiquei dias pensando em como traria meus relatos pessoais para a pesquisa. Afinal,

---

<sup>59</sup> Idem, p. 131.

<sup>60</sup>PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants.** Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 08/06/2020.

o que escrever? Sempre que conversava com pessoas próximas (da universidade, do trabalho, familiares, amigos) me diziam:

– *Essa é a parte mais fácil! Narre suas experiências, os desafios pelos quais passou a cada nova aula.*

– Pois bem, assim o farei!

Naquele 16 de março de 2020<sup>61</sup>, quando o governo do Estado de Sergipe informou que as aulas seriam suspensas temporariamente por causa da pandemia da Covid-19, de imediato pensei: “é o mais prudente a ser feito”. Mas, assim como os demais – colegas de profissão, pais, alunos –, não imaginei, naquele momento, que a pausa levaria todo o ano letivo de 2020.

A cada dia que se passava, o número de infectados e mortos pelo novo coronavírus aumentava e as incertezas em relação ao retorno das atividades presenciais também. Passaram-se os quinze dias de interrupção das aulas presenciais previstos no Decreto Estadual Nº 40.560/2020<sup>62</sup>, vieram as férias antecipadas e nada de termos perspectivas de melhoras/controlar a situação. Assim, no mês de maio, voltamos ao trabalho, mas agora de maneira remota. No dia 06, uma quarta-feira, dei minha primeira aula *online*. Foi um grande desafio. Nos dias que antecederam meu retorno, senti um misto de saudade dos meus alunos e medo perante um modo de trabalho, até então, desconhecido para mim. Minha aula seria no primeiro horário, às 7h. Na noite anterior organizei os materiais necessários para as aulas que havia planejado e decidi em qual espaço ministraria as aulas – montei até cenário de fundo.

O friozinho na barriga me fez lembrar o ano de 2015, quando comecei a dar aulas. Era uma menina recém-formada, cheia de sonhos e insegurança. Cursei Licenciatura em História na Universidade Federal de Sergipe (2010-2014). Apesar de não ter tido aulas específicas de como utilizar os novos recursos digitais no ensino de história, tive exemplos, indiretos, de como fazer. Alguns professores, já em sintonia com o ensino do século XXI, utilizavam em suas aulas alguns recursos digitais e nos incentivavam também a explorar suas infinitas possibilidades ainda no período de estágio. Já formada, continuei colocando os recursos digitais no planejamento das minhas aulas, seja com apresentações em *Power Point*,

---

<sup>61</sup> Governo de Sergipe suspende aulas em escolas, universidades e faculdades nas redes pública e privada. **G1 SE**, 16 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/03/16/governo-de-sergipe-suspende-aulas-em-escolas-universidades-e-faculdades-nas-redes-publica-e-privada.ghtml>>. Acesso em: 04/01/2021.

<sup>62</sup> SERGIPE. **Decreto Nº 40.560**, de 16 de março de 2020. Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública de Sergipe, em razão da disseminação do vírus COVID-19 (novo coronavírus) e regulamenta as medidas para enfrentamento da crise de saúde pública de importância internacional, nos termos da Lei (Federal) nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.se.gov.br/uploads/download/midia/9/a3621f0448801b738cc5cce794263b49.pdf>>. Acesso em: 04/01/2021.

utilização de músicas, filmes, visitas virtuais a museus, sites de notícias<sup>63</sup>. No entanto, uma coisa é ser acostumada a utilizar recursos digitais nas aulas, outra, totalmente diferente, é dar aula a distância quando você não tem experiência nenhuma com EAD. Sem falar do momento singular que estávamos presenciando. O sentimento de incerteza/insegurança perante os desdobramentos da pandemia afetou a todos nós. Dizia para mim mesma que era preciso passar segurança e equilíbrio para os alunos, só que no fundo também estava com medo.

Na primeira aula (de todas as turmas do Ensino Fundamental Anos Finais), falei sobre as pandemias que a humanidade enfrentou ao longo da história. Posteriormente, adaptei esse plano de aula e transformei-o em conteúdo para a *live História e pandemia: reflexões do tempo presente*<sup>64</sup> que fiz na rede social *Instagram* a convite do Colégio Estadual Governador Djenal Tavares de Queiroz (Aracaju), em 21 de maio de 2020<sup>65</sup>.

De acordo com o que é previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fiz uma análise comparativa entre a atual pandemia da Covid-19 e pandemias anteriores – Peste Negra (1347) e Gripe Espanhola (1918). Muitos já tinham estudado sobre a Peste Negra – assunto do sétimo ano do Ensino Fundamental –, no entanto, o interesse e curiosidade foram iguais em todas as turmas. Situei meus alunos ao momento histórico que estavam vivenciando e tivemos uma longa discussão<sup>66</sup>. Surgiram curiosidades e perguntas que buscavam

---

<sup>63</sup> Desde 2015 trabalho em uma escola da rede particular de Aracaju. Lá dispomos de computador, data show e internet em todas as salas, o que sempre possibilitou/facilitou o uso de tais recursos nas aulas de História. Entretanto, tenho ciência de que, infelizmente, essa não é uma realidade de todas as escolas sergipanas, que a maioria dos profissionais de educação, mesmo tendo a vontade de inserir os recursos digitais em suas aulas, não podem em virtude da falta de condições técnicas.

<sup>64</sup> Ver anexo A, p. 59.

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CAdfqXwBfBZ/?igshid=msl3pt0bgiz8>>. Acesso em: 05/01/2021.

<sup>66</sup> Nessa aula, algumas das competências gerais da BNCC foram aplicadas, sendo elas: Competência 1. [Conhecimento] – Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; Competência 2. [Pensamento científico, crítico e criativo] – Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas; Competência 5. [Cultura digital] – Compreender, utilizar, e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva; Competência 7. [Argumentação] – Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta; Competência 9. [Empatia e cooperação] – Exercer a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. Ver mais em: PEREZ, Tereza. **BNCC – a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica**. São Paulo: Editora Moderna, 2018, p. 63-72.

comprovar informações disponíveis nas redes sociais. Foi aí que percebi que o meu aluno do Ensino Fundamental, estava na verdade comprovando se era “verdade” ou *fake news* (notícia falsa).

Dentre os problemas que o Brasil enfrenta hoje, as chamadas *fake news* tem se caracterizado como um dos mais graves<sup>67</sup>. Temos visto no transcorrer da pandemia o quanto as notícias falsas têm confundido a população, seja no que se refere a origem da pandemia, a prevenção da doença e principalmente na sua cura – no decorrer da conversa com os alunos, identifiquei inúmeras, dentre elas a de que o SARS-CoV-2 (Covid-19) “foi criado em laboratório para infectar, propositalmente, a população mundial”. Diante da situação, busquei informá-los, com base em dados da OMS e de comunidades científicas; e instruí-los a verificarem a veracidade das informações antes de compartilharem em suas redes sociais, para que, involuntariamente, não “ajudem” a propagar as *fake news*<sup>68</sup>.

Na segunda semana de aulas remotas – depois de uma semana de acolhimento e escuta dos alunos –, retomei aos conteúdos programáticos de cada série. Meu planejamento anual, escrito nas primeiras semanas de 2020, teve que passar por algumas adaptações, afinal a pandemia não interferiu apenas no ambiente de aprendizagem, mas também no ensino e na própria aprendizagem. Nesse processo de adaptação, duas estratégias foram fundamentais para que o ensino *online* obtivesse êxito: a do questionamento e a do diálogo<sup>69</sup>. As aulas de História foram repensadas para serem executadas de maneira colaborativa e mais interativa possível. Assim, apesar do medo perante o desconhecido e das dificuldades técnicas e metodológicas que foram surgindo ao longo de oito meses de aulas remotas, foi possível concluir o ano letivo de 2020. Além das adaptações feitas por cada professor – adequando suas respectivas aulas ao ensino *online* –, a escola reformulou e encaixou as atividades complementares, previstas para ocorrerem de maneira presencial em 2020, no ensino remoto. Um exemplo foi a Mostra de Ciências, a qual ocorre no colégio há mais de vinte anos, e os alunos amam participar.

---

<sup>67</sup> Como fake news se tornaram um problema sério no Brasil? Saiba evitá-las. **Uol**, 11 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/11/09/a-que-ponto-chegamos-saiba-o-que-de-fato-sao-as-fake-news-e-como-evita-las.htm>>. Acesso em: 12/01/2021.

<sup>68</sup> Ver mais em: SILVA, Gabriela Rezendes. O que você vem postando nas redes sociais? In. **Getempo: memórias de uma coluna na internet**. Macapá: EDUNIFAP, 2015, p. 87-88.

<sup>69</sup> GASPAR, Maria Ivone. Metodologia em educação a distância: reflexões sobre uma unidade curricular. In. **Didática On-line: teorias e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 100.

A Mostra de Ciências: Sementes do Conhecimento teve início no dia 04 de setembro de 2020, com a palestra de abertura *Práticas Pedagógicas*<sup>70</sup>, a qual tive a oportunidade de participar e discutir sobre o uso das novas tecnologias em sala de aula.

No evento, o qual correu entre os dias 04 e 11 de setembro, orientei, juntamente com os professores de Matemática, a turma do 8º Ano. Com a temática: Pandemias ao longo da História<sup>71</sup>, desenvolvemos a pesquisa de maneira multidisciplinar, tendo por objetivo possibilitar aos discentes uma aprendizagem que dialoga o conteúdo programático com a realidade que vivem, pois ao associarem as pandemias já enfrentadas pelos nossos antepassados com a atual, puderam evidenciar as permanências e as mudanças ao longo dos séculos.

Os resultados foram bastante satisfatórios, pois houve uma grande participação dos discentes. As pesquisas, apresentações e vídeos foram confeccionados com muita qualidade. Além da Mostra de Ciências, ocorreu também a Primavera Literária e a Mostra de Línguas Estrangeiras – as atividades complementares envolveram todas as disciplinas, o que colaborou para a aprendizagem dos alunos e o fortalecimento da relação professor-aluno.

Todas as atividades passadas entre maio e dezembro foram pensadas de acordo com o contexto das aulas remotas, levando em consideração as limitações e fragilidades causadas pelo momento no qual todos passamos em virtude da pandemia da Covid-19. Dentre as atividades realizadas, quero destacar o trabalho: *A fotografia e as memórias em família dos dias de quarentena*<sup>72</sup>. Ciente da importância da fotografia enquanto fonte histórica, desenvolvi com os meninos o projeto *Minhas memórias da quarentena*. A proposta do trabalho consistia no registro de algum momento em família durante o período de isolamento social e/ou na reprodução de alguma fotografia que foi tirada quando pequenos e que queriam reproduzir na atualidade. Os discentes, foram orientados a fazerem uma descrição de cada fotografia: ambiente no qual a fotografia foi tirada, quem está na fotografia; data (s); e qual o significado/importância do registro para o aluno.

A participação efetiva dos alunos no decorrer das aulas fez toda a diferença, pois ao lerem, fazerem pesquisas e debaterem comigo em sala de aula (virtual), estavam também guiando o processo de aprendizagem. 2020 fora um ano desafiador, e talvez tenha sido por isso que muitas técnicas das chamadas metodologias ativas<sup>73</sup> tenham sido de fato colocadas

---

<sup>70</sup> Ver anexo B, p. 60.

<sup>71</sup> Ver anexo C, p. 61-67.

<sup>72</sup> Ver anexo D, p. 68.

<sup>73</sup> A utilização de técnicas inovadoras no processo de aprendizagem, em que o estudante não só escuta, como também faz parte do processo de construção das aulas. Ver mais em: SOUZA, Isabel Fernandes; DEBALD,

em prática na Educação Básica durante o ano letivo 2020 – até mesmo pelos professores mais “tradicionais”. As aulas *online* mudaram completamente o ensino e a aprendizagem, pois não seria possível garantir a assimilação dos conteúdos trabalhados sem trazermos esses alunos para a discussão, para o processo de construção do conhecimento. Se fez necessário repensarmos as nossas práticas de ensino, tendo em vista que, os alunos estavam fisicamente distantes, em um espaço de aprendizagem diferente do habitual e vivendo um momento anormal. Tudo colaborava para que não ocorresse a assimilação dos conteúdos, não ocorresse o interesse dos discentes no processo de ensino-aprendizagem. Assim, fazê-los mais presentes nesse processo proporcionou resultados satisfatórios.

Ver e ouvir os alunos tornou-se o maior desejo dos docentes em 2020. O espaço frio e distante da sala de aula virtual, nos fez buscar cada vez mais mecanismos para envolver os alunos nas discussões – muitos sentiram dificuldade de aprender nas aulas remotas, mesmo alunos que no presencial tinham um excelente desempenho. Prestar atenção a essas situações e dar suporte não só técnico, mas também emocional a esses alunos, fora fundamental para alcançar resultados positivos no ensino a distância durante a pandemia da Covid-19.

Mesmo o Conselho Nacional de Educação (CNE) não ter nos obrigado a aprovar os discentes em 2020<sup>74</sup>, me senti na responsabilidade moral de avaliar o desempenho de cada aluno de uma maneira ampla e humanizada, afinal se estava difícil para mim, com quase três décadas de experiência de vida, imagina para essas crianças e adolescentes que estavam assustados e com medo desse inimigo invisível e imprevisível – o SARS-CoV-2 (Covid-19).

No geral, busquei avaliar os meus alunos de diversas formas, cada participação/contribuição importou. Fizemos avaliações via formulários, realizamos debates, respondemos as atividades previstas no livro didático e desenvolvemos atividades complementares – como as acima citadas – que nos possibilitou vencermos 2020, nos aproximou e de certa forma nos confortou perante esse período de tantas incertezas e medos.

---

Blasius Silvano; GOLFETO, Norma Viapiana; MACKLOUF, Lúcia. Active learning classrooms (ALCS): relato da experiência de uma IEs comunitária. In. **Didática On-line: letramentos, narrativas e materiais**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 122.

<sup>74</sup>Alunos podem ser reprovados em 2020? Entenda cenários para escolas e faculdades. **Terra**, 13 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/alunos-podem-ser-reprovados-em-2020-entenda-cenarios-para-escolas-e-faculdades,e40199a1cb71cb7637c5429cc79524694u5668ew.html>>. Acesso em: 14/01/2021.

## Capítulo III

### A HISTÓRIA ALÉM DA SALA DE AULA: O *PODCAST* #COVID-19 MEMÓRIAS DA PANDEMIA NO BRASIL

O terceiro e último capítulo deste trabalho, dedicaremos ao nosso produto final, o *podcast* #Covid-19 – *Memórias da Pandemia no Brasil*<sup>75</sup> como recurso digital para explicar a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19). Faremos uma breve contextualização desse recurso digital e em seguida apresentaremos o nosso produto de fato.

#### 3.1 *Podcast*: conhecimento e informação aonde quer que você esteja

O século XXI tem se confirmado como o “século da informação”, o século do conhecimento na palma da mão – sem necessariamente estarmos segurando um livro ou um jornal. Diversos são os recursos utilizados no tempo presente para levar conhecimento as pessoas. Podemos dizer que estamos vivenciando uma revolução no mundo do conhecimento – tão significativa quanto o momento de invenção da imprensa, por Johannes Gutenberg, no século XV. E um desses novos meios de propagação do conhecimento, é o *podcast* – programas de áudio que apresentam variedade de conteúdo, desde política, educação, esporte a culinária e sexualidade. Os primeiros formatos surgiram ainda nos anos 2000, inclusive o termo em si, teria sido uma junção das palavras “*iPod*”, dispositivo reprodutor de áudio da *Apple*, e “*broadcast*”, que significa transmissão em inglês<sup>76</sup>. Adam Curry é considerado o “pai” do *podcast*, o qual passou alguns anos divulgando o potencial dessa nova ferramenta – sem ter muito êxito inicialmente. Em 2004, começou a produzir diariamente o *podcast Daily Source Code*, almejando um aprimoramento da nova ferramenta. Com o tempo, o projeto de Curry ganhou simpatizantes e a nova tecnologia se consolidou em várias partes do mundo<sup>77</sup>.

Desde seu surgimento, o *podcast* tem conseguido muitos adeptos. No Brasil<sup>78</sup> não foi diferente. O primeiro *podcast* produzido aqui foi o *Digital Minds*, de Danilo Medeiros, em

---

<sup>75</sup> Ver anexo F, p. 73.

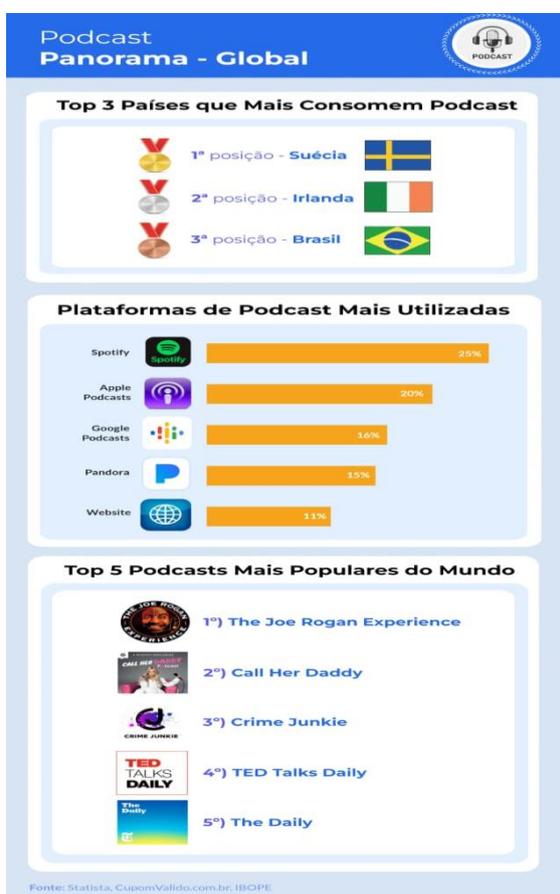
<sup>76</sup>FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013, p. 63.

<sup>77</sup> Idem, p. 62-64.

<sup>78</sup> Dia do Podcast: o que é? Como surgiu no Brasil? Saiba tudo e conheça os programas da Rádio Jornal. **Uol**, 21 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/10/19/dia-do-podcast-o->

2005. Desde então, o cenário só cresceu, o país passou a ter um número elevado de produções – com direito a premiações a partir de 2008, como o Prêmio *Podcast* e Podpesquisa.

Em 2020 houve uma forte popularização desse recurso, muito em virtude da pandemia da Covid-19. O uso dessa nova tecnologia como auxiliar na propagação do conhecimento e da informação ultrapassou barreiras inimagináveis – em questão de poucos meses o número de canais de *podcast* e sua audiência, subiram significativamente no país – estando a educação como um dos gêneros preferidos dos brasileiros. Hoje, o Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção desse formato de áudio<sup>79</sup>, e o 3º que mais consome *podcast* no mundo, conforme podemos ver nas imagens abaixo, retiradas do site da Exame<sup>80</sup>:



que-e-como-surgiu-no-brasil-saiba-tudo-e-conheca-os-programas-da-radio-jornal-218078/index.html>. Acesso em: 14/09/2022.

<sup>79</sup>Bluecast: O crescimento do mercado de podcast. **Estadão**, 01 de abril de 2022. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/bluecast-o-crescimento-do-mercado-de-podcast/>>. Acesso em: 14/09/2022.

<sup>80</sup> Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Exame**, 25 de março de 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>>. Acesso em: 14/09/2022.

No início, o *podcast* foi muito confundido com o rádio e até mesmo com outros programas de áudios difundidos pela internet<sup>81</sup>. Com o passar do tempo, foi ganhando adeptos por todo o mundo, inclusive os “velhos amantes” do rádio, que através do *podcast* têm a possibilidade de ouvirem seus programas de rádio preferidos a qualquer momento e/ou lugar – mesmo quando não possam estar ao lado de um rádio no dia e horário marcado do programa.

Costuma-se classificar os *podcasts* em três tipos: *Podcast* de formação ou educacional, que tem por objetivo o ensino; *Podcast* de entretenimento, os quais distraem as pessoas, com temas descontraídos e de interesse do público; e o *Podcast* informativo, com formato noticiário, trazem desde informações do dia a dia a discussões sobre política e economia, por exemplo. Como desde a sua criação aos dias atuais os programas de *podcasts* têm se popularizado, muitos programas de rádio e até mesmo telejornais, disponibilizam seus conteúdos em formato de *podcast* nas diversas plataformas digitais. Um exemplo de *podcast* informativo é *O Assunto*, apresentado pela jornalista Renata Lo Prete, no G1<sup>82</sup>. O programa pode ser ouvido em várias plataformas: no próprio site do *G1*, no *Globo Play*, no *Spotify*, no *Castbox*, no *Google Podcasts*, no *Apple Podcasts*, na *Deezer*, na *Amazon Music*, no *Hello You* – além de outras plataformas digitais que abrigam e distribuem esse e tantos outros *podcast*.

Outro exemplo é o *Nerdcast*<sup>83</sup>, o programa de *podcast* mais popular do Brasil. Criado em 2006, o *Nerdcast* comemorou seus primeiros 10 anos de existência sendo o primeiro a ter 1 milhão de *downloads* por episódio. De lá para cá, com a popularidade dos *podcasts*, esse número só cresceu. Os episódios são encontrados no site Jovem Nerd – criado em 2002, em formato de blog por Alexandre Ottoni e Deive Pazos cujo o intuito era falar do lançamento de *Star Wars Episódio II: O Ataque dos Clones*, atualmente o Jovem Nerd é “um grande portal de notícias e entretenimento, que abriga *podcasts*, *videocasts* e uma central de notícias”. Com publicações todas as sextas-feiras, com duração de 90 minutos por episódio, o *Nerdcast* pode ser caracterizado como um *podcast* diversificado no “mundo nerd”, pois abrange assuntos como história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games e *Role-playing game* (RPG)<sup>84</sup>.

---

<sup>81</sup> Ver mais em: SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e possibilidades do Podcast no Ensino de História**. 2016, 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174622>>. Acesso em: 16/12/2020.

<sup>82</sup> O *podcast O Assunto* é produzido por: Mônica Mariotti, Isabel Seta, Tiago Aguiar, Lorena Lara, Gabriel de Campos, Luiz Felipe Silva, Thiago Kaczuroski e Eto Oscligher. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>. Acesso em: 04/10/2022

<sup>83</sup> Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>. Acesso em: 18/10/2022.

<sup>84</sup> Idem.

### **3.2 Podcast: um aliado no processo de ensino-aprendizagem**

Os *podcasts* têm feito parte da educação já há algum tempo, de maneira discreta, mas tem sido inserido como uma potente ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Em escolas que possuem as condições necessárias para o uso das novas tecnologias, tem se percebido um avanço educacional expressivo. Assim como o uso de *bloggers* para fins educacionais no início do século XXI se popularizaram, atualmente, percebe-se um movimento similar na inserção das plataformas de *podcasts* e de *streaming* como ferramentas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem.

O próprio MEC, ciente da importância das novas tecnologias para o ensino, desenvolveu, ainda na primeira década dos anos 2000, políticas de promoção para a inclusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Um exemplo, foi a criação do *Portal Domínio Público*, lançado em 2004. Com um grande acervo e milhões de visitas, o Portal é uma das maiores bibliotecas virtuais do Brasil. Em sua página inicial, é possível encontrar diversos tópicos, dentre eles há a “Missão” do ambiente eletrônico:

*O "Portal Domínio Público", lançado em novembro de 2004 (com um acervo inicial de 500 obras), propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime [...]. Este portal constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal. Desta forma, também pretende contribuir para o desenvolvimento da educação e da cultura, assim como, possa aprimorar a construção da consciência social, da cidadania e da democracia no Brasil. Adicionalmente, o "Portal Domínio Público", ao disponibilizar informações e conhecimentos de forma livre e gratuita, busca incentivar o aprendizado, a inovação e a cooperação entre os geradores de conteúdo e seus usuários, ao mesmo tempo em que também pretende induzir uma ampla discussão sobre as legislações relacionadas aos direitos autorais - de modo que a "preservação de certos direitos incentive outros usos" -, e haja uma*

*adequação aos novos paradigmas de mudança tecnológica, da produção e do uso de conhecimentos*<sup>85</sup>.

No *Portal Domínio Público* é possível ter acesso a várias obras, que vão de Machado de Assis, a música Erudita Brasileira, aos vídeos do Paulo Freire, ou mesmo a poesia de Fernando Pessoa. Com comandos básicos de pesquisa, o aluno/professor/comunidade em geral tem acesso a diferentes obras, bastando informar o tipo de mídia, categorias, autor, título, idioma e apertar pesquisar. Trazer os recursos digitais para a sala de aula tem sido o grande desafio dos profissionais de educação no século XXI. Vivemos em um mundo totalmente digital, lidamos com crianças que já nascem “digitais”<sup>86</sup>.

Assim como o uso do computador, da televisão, do rádio se normalizaram no processo de ensino-aprendizagem, nas últimas décadas, os aparelhos de celulares também o devem. Como já vimos, durante o período crítico de isolamento na pandemia da Covid-19, os aparelhos foram fundamentais para a manutenção das aulas a distância, principalmente para os estudantes, pois diferente dos computadores e *notebooks*, os celulares possuem valores mais acessíveis e fazem parte da realidade da maioria da população brasileira<sup>87</sup>.

Com a aceitação dessa ferramenta pelos pais em um período crítico – aulas remotas – se faz necessário que nós professores continuemos a utilizá-la, até porque os aparelhos celulares fazem parte do dia a dia dos estudantes, assim, é mais vantajoso inserirmos os aparelhos em nossas aulas ao invés de simplesmente proibirmos seu uso. Os celulares, atualmente, são na verdade “mini computadores”, possuindo diversos recursos, antes inimagináveis. Desta forma, o vemos como um agregador/facilitador do processo de aprendizagem através dos inúmeros recursos que possuem. E por isso que propomos sua utilização na produção e consumo de *podcasts* educativos. Em virtude dos avanços tecnológicos, é possível ouvir e até mesmo produzir um *podcast* utilizando apenas um aparelho celular. Conhecedores das conveniências desse recurso e do seu grande potencial, desenvolveremos *podcasts* educativos acerca da Pandemia da Covid-19 no Brasil (2020). Assim, como também disponibilizaremos o passo a passo para que o professor desenvolva

---

<sup>85</sup> Portal Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Acesso em 12/10/2022.

<sup>86</sup>Ver mais em: PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 08/06/2020.

<sup>87</sup> Vale ressaltar que, apesar dos valores dos aparelhos celulares serem mais “baratos” se comparado aos computadores, ainda há um grande número de brasileiros sem acesso aos aparelhos celulares e a internet.

com seus alunos seus próprios *podcasts* como atividade complementar do processo de ensino-aprendizagem.

### 3.3 Oficina Memórias da Pandemia

Cientes dos impactos e inquietações que a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19) causou em toda a comunidade escolar, propomos com a Oficina *Memórias da Pandemia*<sup>88</sup>, realizar em sala de aula uma abordagem da pandemia e suas consequências no seio familiar dos discentes.

Dar voz e ouvir aos alunos sobre esse peculiar e doloroso momento trará resultados significativos no ensino-aprendizagem. Tal qual ainda ensinamos nos primeiros anos de alfabetização histórica, os discentes enquanto sujeitos históricos poderão se enxergar, a partir de seus relatos pessoais, como parte atuante da história.

A realização da oficina possibilitará aos nossos discentes uma aprendizagem que dialoga conteúdo programático com a realidade em que vivem. Diferente de muitos conteúdos, que estão acostumados a verem na disciplina, a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19) é o que se tem de mais recente da história da humanidade. Para um bom desenvolvimento dos trabalhos, é necessário que seja realizada uma breve, mas clara, apresentação do que é história do tempo presente – fundamental para fazermos uma coerente leitura do atual momento que passa a humanidade.

Como mesmo nos lembrara o saudoso Lucien Febvre, *A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. [...] Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem*<sup>89</sup>. Assim, a oficina se dará com a produção de episódios de *podcasts* elaborados pelos alunos, a partir de suas vivências pessoais durante a pandemia da covid-19. Abaixo, seguem as diretrizes básicas de como realizar, em sala de aula, a oficina *Memórias da Pandemia*:

---

<sup>88</sup> Ver anexo H, p. 76-80.

<sup>89</sup> Le Goff, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4ª Ed. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996, p. 107.

**OFICINA**  
**MEMÓRIAS DA PANDEMIA**

**OBJETIVOS**

- Conhecer e acolher as memórias dos alunos durante a Pandemia da Covid-19;
- Mostrar a importância das ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem;
- Levantar questionamentos sobre a vida em sociedade e os Direitos Humanos no período de isolamento social;
- Proporcionar aos/às alunos/as comentários mediados pelo/a professor/a acerca da pandemia da covid-19 no Brasil e no mundo;
- Reunir os relatos produzidos pelos discentes e ouvir em sala de aula para que possam compartilhar suas experiências.

**MATERIAL NECESSÁRIO**

- Material de apoio: livros, jornais, vídeos de reportagens disponíveis na internet, imagens, charges e *memes*;
- Roteiro do *podcast*: pré-elaborado em casa;
- Aparelho celular;
- Fones de ouvido.

**NÚMERO DE AULAS**

- Cinco (05) aulas.

**DISTRIBUIÇÃO E ORIENTAÇÃO DAS AULAS**

- Uma aula para explicar: O que é *podcast*?
- Uma aula de: Como ouvir e produzir um *podcast*?
- Uma aula para que o professor juntamente com os alunos discuta pontos importantes sobre a pandemia da covid-19 no Brasil e no mundo.
- Uma aula para que os alunos montem e editem seus episódios – gravados em casa, devido a necessidade de silêncio e concentração.
- Uma aula para a reprodução dos episódios de *podcasts* gravados pelos alunos.

## O QUE É *PODCAST*?

De maneira simplificada, podemos definir *podcast* como um programa de áudio, no qual os ouvintes podem ouvir na hora e onde quiserem. Os *podcasts* abrangem inúmeros temas, desde entretenimento, até problemáticas da atualidade como a desigualdade social no Brasil e no mundo.

## TIPOS DE *PODCAST*

*Podcast* de formação: também conhecido como educacional, esse *podcast* tem como objetivo ensinar algo. *Podcast* de entretenimento: tem como finalidade envolver as pessoas com temas descontraídos ou curiosidades. *Podcast* informativo: são aqueles em formato noticiário, que trazem acontecimentos do dia a dia.

## COMO SURTIU O *PODCAST*?

O primeiro *podcast* surgiu em 2004, criado por Adam Curry. Após um tempo, esse novo formato de áudio passou a ser conhecido como *podcast*. O termo *podcast* vem da junção de “*ipod*” dispositivo reproduzidor de áudio da empresa Apple, e “*broadcast*”, palavra inglesa que significa “transmissão”.

## COMO CRIAR UM *PODCAST*?

Existem duas formas de criar um *podcast* através do *smartphone*. É possível gravar os áudios no aparelho e depois carregá-los em uma plataforma de produção de *podcast* ou gravar diretamente na plataforma, conforme orientamos no próximo tópico.

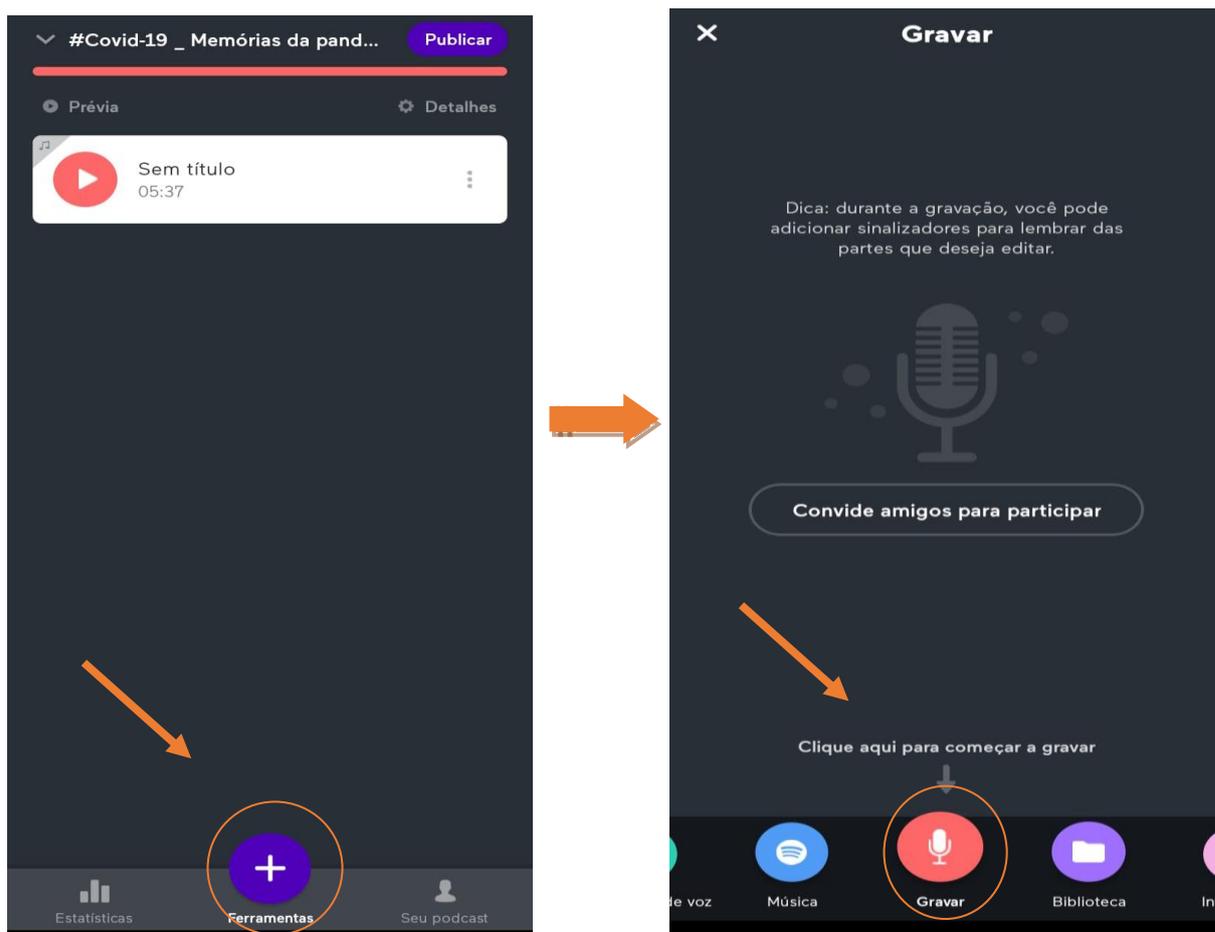
## QUAL APLICATIVO USAR?

O *Anchor* é um aplicativo gratuito para fazer *podcasts* no celular *Android* e *iPhone (iOS)*. A plataforma permite editar e gravar arquivos de áudio, com funções como cortar partes ou adicionar trilha sonora. Além do que, o próprio aplicativo possui a função de distribuir os

episódios nas plataformas digitais de *podcasts*.

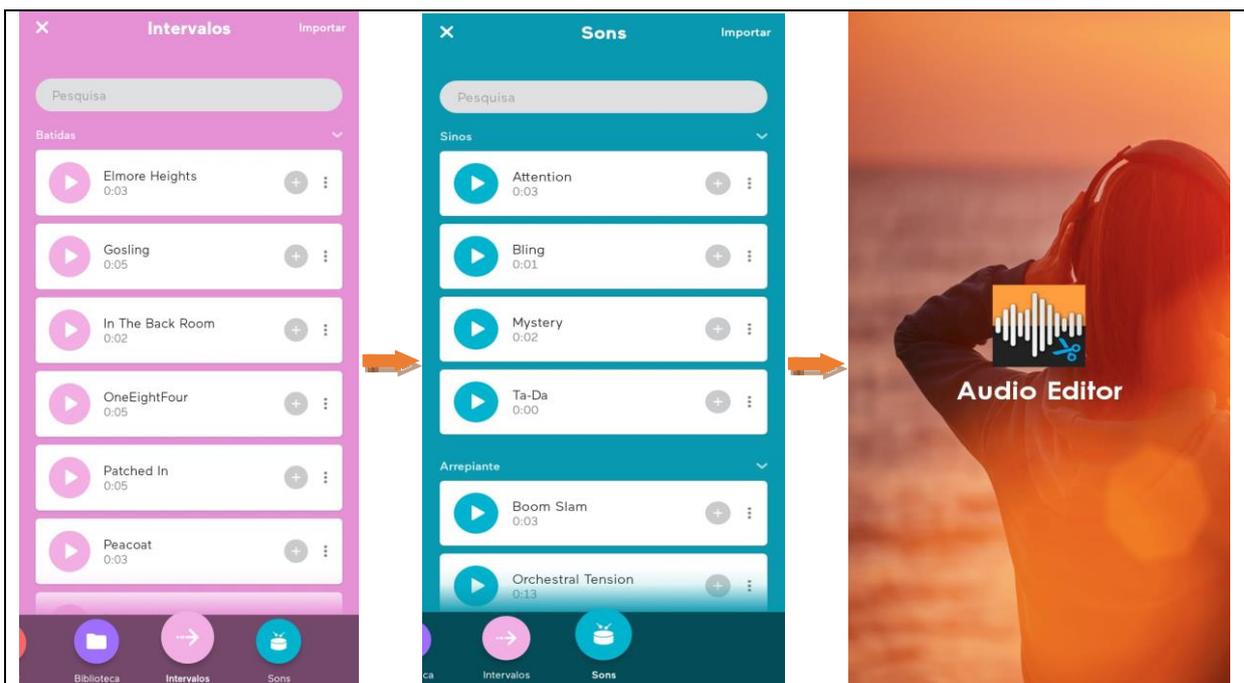
## PASSO A PASSO

Após baixar o aplicativo, gratuitamente na loja do seu *smartphone* – *apple store* ou *play store* –, você deve abri-lo e clicar em ferramentas e colocar para gravar, conforme imagens abaixo:



Capturas de tela do aplicativo *Anchor*. (Fonte: Acervo pessoal).

Com seu áudio já gravado, você fará as edições necessárias – editar e/ou acrescentar trechos, adicionar música de fundo, intervalo (se for o caso), e vários outros efeitos que estão disponíveis gratuitamente no aplicativo. Além do *Anchor*, utilizamos também o aplicativo *Audio Editor* – o qual também pode ser baixado gratuitamente na loja do seu *smartphone*:



Capturas de telas feitas dos aplicativos *Anchor* e *Audio Editor*. (Fonte: Acervo pessoal).

Os episódios gravados ficarão disponíveis na biblioteca do aplicativo *Anchor*. Assim, com as devidas edições realizadas, você pode publicar seu *podcast* pelo próprio *Anchor* (*Spotify*) e também distribuir em várias outras plataformas que abrigam *podcasts* gratuitamente.

Para complementar as orientações acima colocadas, sobre a produção dos trabalhos dos discentes, a presente pesquisa traz um episódio do *podcast* *#Covid-19 – Memórias da Pandemia no Brasil*<sup>90</sup>. O episódio discorre sobre as principais informações da pandemia desde os primeiros casos a chegada ao Brasil e em Sergipe, conforme transcrição abaixo:

*– Olá, eu sou Gabriela Rezendes e este é o podcast #COVID-19 Memórias da Pandemia no Brasil. A cada novo episódio conheceremos um pouco mais sobre essa síndrome respiratória que fez o mundo parar em 2020.*

*– Era dezembro de 2019 quando os primeiros casos de seres humanos infectados pelo novo coronavírus foram notificados a Organização Mundial de Saúde. De acordo com a notificação, os casos ocorreram na cidade de Wuhan, na China.*

<sup>90</sup> Disponível em: <https://anchor.fm/gabriela-rezendes>. Acesso em: 01/11/2022.

- Já em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que a Síndrome Respiratória Aguda Grave – SARS-COV-2 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.
- Com o “rompimento das fronteiras” e, por consequência, o aumento do número de pessoas infectadas em várias partes do mundo, a diretoria da OMS declarou em 11 de março de 2020, a Covid-19 como uma pandemia.
- Naquele momento, a doença já havia atingido mais de 114 países e somava um número expressivo de 118.000 pessoas infectadas e mais de 4291 mortes.
- A partir de então, o mundo passou a viver dias de terror o medo perante o inimigo invisível e desconhecido percorreu as mais variadas sociedades.
- O nosso modo de vida teve que se adequar ao chamado novo normal, nada mais era como antes, nossas interações sociais mudaram, nossa forma de aprender, de rezar, de comer... e de ir ao supermercado também.
- É verdade que entre os meses de janeiro e fevereiro a comunidade mundial não deu tanta importância a SARS-COV-2. Assim, mesmo a OMS tendo alertado do perigo do novo vírus, o mundo deu “play” em 2020 normalmente. Ocorreram viagens, internacionais inclusive, festas, carnaval, competições esportivas e início das aulas.
- Afinal, o problema estava na China, pensaram eles.
- No fundo, ninguém imaginaria que em pleno século XXI um inimigo “tão pequeno” iria fazer o mundo todo refém.
- Passados pouco mais de três meses, desde o primeiro caso notificado em Wuhan, a humanidade conhecia de fato seu novo inimigo invisível.
- Diferente da Peste Negra (1347) e da própria Gripe Espanhola (1918), a pandemia do novo coronavírus se espalhou pelos continentes, por diversos meios, em velocidade recorde.
- Desde a divulgação da existência da doença, cientistas do mundo todo têm buscado desvendar os mistérios que cercam o novo

*coronavírus e seus efeitos nocivos, seja em um corpo jovem, atlético, idoso ou infantil.*

*– Inicialmente, por desconhecer todos os sintomas e como o vírus se comportava no corpo humano, acreditou-se que a Covid-19 representava um risco mortal para idosos e/ou pessoas com morbidades. Somente nos “episódios” seguintes dessa série de terror, foi-se percebendo que se tratava de um problema de todos e que a forma como o vírus se comporta em cada organismo é, em muitos casos, imprevisível.*

*– Em pouco tempo, a doença se espalhou pelo mundo. No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi anunciado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. Tratava-se de um senhor de 61 anos, morador de São Paulo que havia chegado da Itália.*

*– Por sua vez, em Sergipe o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado pela Secretaria de Estado da Saúde em 14 de março de 2020. Conforme notificaram os órgãos de saúde, também foi um caso “exportado”, pois a paciente, do sexo feminino, com 36 anos de idade, havia chegado da Espanha.*

*– Entre os meses de março e abril o número de infectados no Brasil aumentaram de maneira significativa.*

*– Para vocês terem uma noção, em 26 de abril, dois meses após a divulgação oficial do primeiro caso, o país já contava com um número de mais de 63.000 infectados e mais de 4000 mortos.*

Assim como a transcrição acima traz informações específicas a respeito da pandemia da Covid-19, baseadas em pesquisas de informações oficiais, os episódios produzidos pelos discentes, sob orientação do professor de História, trarão valiosas contribuições do cotidiano dessas famílias no enfrentamento da pandemia.

Ao produzirem seus próprios relatos, os discentes terão a oportunidade de se fazerem ouvir e ao mesmo tempo entender um pouco do trabalho do historiador. O cuidado com o que será relatado, o respeito para com os sujeitos envolvidos, questões essenciais do trabalho de um historiador do tempo presente, ficarão nítidos para que esses alunos percebam na prática o

poder e importância que a história tem em nossa sociedade, como guardiã da memória coletiva e ao mesmo tempo individual, já que cada relato será único, abordará a experiência de cada discente e seus familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar os impactos da pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19) na educação no Brasil em 2020 e a necessidade de ensinar história do tempo presente a partir do uso das novas tecnologias, mais especificamente, a partir das fontes trazidas para o professor/historiador através do mundo digital.

No decorrer da análise foi possível perceber o quanto a pandemia modificou o nosso modo de vida. As atividades humanas, desde as mais simples e comuns (ir ao supermercado, ir à missa/culto, estudar, comer em um restaurante) as mais complexas (procedimentos de saúde, obras da construção civil, viagens) foram modificadas em virtude da necessidade de distanciamento social em prol da saúde individual e coletiva.

Com a chegada da pandemia da Covid-19, tudo mudou e o medo tomou conta da humanidade. A rede mundial de computadores, *internet*, foi a responsável por manter a continuidade do ensino, dos trabalhos (estamos nos referindo aqui as atividades compatíveis com o *home office*), e da comunicação entre as pessoas que precisavam ficar isoladas e/ou que estavam longe de seus familiares e amigos, além de ser fonte de informação 24h.

No decorrer do trabalho, percebemos com a necessidade de uso “geral” da *internet*, o quanto nosso país ainda precisa avançar. A necessidade do ensino remoto escancarou a “desigualdade tecnológica” que há em algumas regiões do país. A falta de um computador ou aparelho celular com acesso à *internet*, por parte de centenas de milhares de alunos, deixou claro o quanto nosso país sofre com a desigualdade social, o quanto o ensino-aprendizagem é prejudicado em muitas regiões – apesar de mesmo antes da pandemia já haver um incentivo dos pesquisadores da educação e do próprio Ministério da Educação ao uso dos recursos digitais para fins educacionais. O ensino remoto também se tornou um desafio, do ponto de vista técnico, para muitos docentes. Alguns profissionais da educação sentiram dificuldades de manuseio dos “novos” recursos digitais, principalmente no início da pandemia, quando foi necessário ministrar as aulas vias plataformas digitais (*Google Classroom, Microsoft Teams, Zoom*) para manter o distanciamento social.

Apesar de não termos tido dificuldades no manuseio das novas tecnologias, sentimos, no decorrer do trabalho, o quanto trabalhar com história do tempo presente requer uma gigantesca atenção, cuidado e, sobretudo, respeito ao momento que o outro está vivendo. Trabalho com história do tempo presente há 10 anos – ainda na monografia utilizei os métodos da história do tempo presente para abordar o antissemitismo na Argentina entre os

anos de 1997-2007 –, mas a experiência atual foi totalmente diferente. Enquanto escrevia este trabalho, vivi a pandemia da Covid-19, vi meus alunos perderem entes queridos, vi meus familiares e amigos sofrerem por causa de um “monstro” invisível [...] tive Covid-19 duas vezes, inclusive durante a gravidez do meu filho Francisco Benjamin. Assim como todos, tive meus momentos de insegurança, medo e dor. Escrever ao mesmo tempo que se vive o fato histórico abordado é surreal, indescritível e desafiador. E mesmo em meio a tantas aflições, não cabia esquecer da responsabilidade moral que tem o historiador, conforme lembra François Bédarida, *o historiador não pode furtar-se à sua responsabilidade moral como pessoa e como cidadão*<sup>91</sup>. Segundo o autor, é preciso considerar a função social do historiador. Principalmente porque a história do tempo presente está sempre em construção, “um trabalho que não se encerra”<sup>92</sup>.

Ao desenvolvermos o *podcast #Covid-19 Memórias da Pandemia no Brasil*, usando assim o ciberespaço como lugar para ensinar história, acreditamos que contribuimos para a inclusão de informação de qualidade na rede mundial de computadores. Além de realizarmos uma reflexão sobre como ensinar história do tempo presente a partir do uso das novas tecnologias, oferecemos aos nossos alunos leituras da história amarradas em procedimentos clássicos e controláveis de produção do conhecimento histórico, evidenciando a distância entre aquilo que fazemos e as *fake news* negacionistas difundidas na rede, sempre preocupadas em adulterar os fatos históricos e doutrinar no ciberespaço.

---

<sup>91</sup>“Se o historiador deve manter um distanciamento crítico em reação ao seu objeto de estudo e proceder com discernimento e rigor, nem por isso ele consegue ser neutro. [...] Pois nele existe apenas uma consciência e somente uma: a consciência de historiador é sua consciência de homem”. Ver mais em: BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos & Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 222.

<sup>92</sup> Idem, p. 22.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anita; GRINBERG, Keila. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, nº 1, 2012. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>>. Acesso em: 30/05/2020.

ARÓSTEGUI, Julio. **La História del Presente: ¿una cuestión de método?** Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1036594>>. Acesso em: 01/04/2020.

ARÓSTEGUI, Julio. Sobre la Historia del presente. In: **La Historia Viva: sobre la Historia del Presente**. Madrid: Alianza Editorial, 2004, p. 19-62.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. **Usos e Abusos da História Oral**. AMADO, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes Ferreira. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 219-232.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 32, n. 93, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>>. Acesso em: 29/06/2019.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet**. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e poder: uma nova história política? In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.37-54.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.24, n. 69, p.7-30, 2010.

CHAUVEAU, Agnès, Tétart, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

COHEN, Daniel June. The rise of social media is really a reprise. In BROCKMAN, John (Org.). **Is the Internet changing the way you think?** New York: Harper Perennial, 2011.

COHEN, Daniel June; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e Ensino de História**. 2ª Ed., 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

GASPAR, Maria Ivone. Metodologia em educação a distância: reflexões sobre uma unidade curricular. In. **Didática On-line: teorias e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 4ª Ed. – Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOURES, João Victor. **Podcasts de Storytelling: A produção de narrativas históricas digitais para o ensino de história**. 2018, 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/429268>>. Acesso em: 16/12/2020.

MAYNARD, Dilton C. S. Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet. **Cadernos do Tempo Presente**. Edição número 04, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2721>>. Acesso em 28/06/2020.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Editora Luminária academia, 2011.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 29, n. 2, 2016, p. 103-116. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44800>>. Acesso em: 26/07/2020.

MARTINS, Onilza Borges. Os caminhos da EAD no Brasil. In. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 24, maio-agosto, 2008, p. 357-371. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116834004.pdf>>. Acesso em: 29/12/2020.

MEIRA, Jakson Lucas Campos de; PEREIRA, Lucas Peruchi. Peruchi. **Desenvolvimento de uma Aplicação Web para Criação de Podcasts na Educação**. Orientador: Robson Rodrigues Lemos, 2018. 49f. TCC – Curso de Graduação do Centro de Ciência, Tecnologia e Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187505/DESENVOLVIMENTO%20DE%20UMA%20APLICA%C3%87%C3%83O%20WEB%20PARA%20CRIAC%C3%87%C3%83O%20DE%20PODCASTS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20Lucas%20e%20Jakson.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10/09/2022.

MELLO, Diene Eire; MORAES, Dirce Aparecida Foletto de; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Formação de professores e TIC: em busca de inovações didáticas. In. **Didática On-line: teorias e práticas**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 123-142.

NORA, Pierre. O retorno do fato. LE GOFF, J. NORA, P. **Historia: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976, p. 179-193.

PEREZ, Tereza. **BNCC – a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica**. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. Disponível em: <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 08/06/2020.

RÉMOND, Réne. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SILVA, Diego Leonardo Santana. **Sobre o negacionismo no ciberespaço: a "enciclopédia alternativa" Metapedia e sua proposta de educação histórica**. 2017, 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848>>. Acesso em: 27/07/2020.

SOUZA, Isabel Fernandes; DEBALD, Blasius Silvano; GOLFETO, Norma Viapiana; MACKLOUF, Lúcia. Active learning classrooms (ALCS): relato da experiência de uma IEs comunitária. In. **Didática On-line: letramentos, narrativas e materiais**. Maceió: EDUFAL, 2017, p. 119-134.

SOUZA, Raone Ferreira de. **Usos e possibilidades do Podcast no Ensino de História**. 2016, 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174622>>. Acesso em: 16/12/2020.

VENGOA, Hugo Fanzio. La historia del tempo presente: una historia en construcción. **Historia Crítica**, nº 17, Jul-dic. 1998, p. 47-57.

# **ANEXOS**

Anexo A – Cartaz da Live História e pandemia: reflexões do tempo presente. (Fonte: Colégio Estadual Governador Djenal Tavares de Queiroz).

Live @djenalqueiro Instagram

História e Pandemia: reflexões do tempo presente.

Participação especial: STAY

Dia 21 de maio a partir das 15 horas

Com o casal da história:  
Prof. Eduardo @eduardoaugusto25  
e Profa. Gabriela @gabirezendess

Professor Stanley Hugo (@stanleyhugoo)  
"Equilíbrio emocional frente ao inevitável do dia a dia"

EM CASA COM DUDU

HOME

STAYING HOME

HOME

Anexo B – Cartaz da Live Semente do Conhecimento: Trabalhos Pedagógicos. (Fonte: Colégio Pio Décimo).



**LIVE**  **grupopiodecimo**

**Mostra de Ciências**

**Semente do Conhecimento**

**Práticas Pedagógicas**



  
**Gabriela Rezendes**  
*Professora de História*

  
**Solange Petrosino**  
*Diretora acadêmica no Grupo Santillana*

  
**Williams dos Santos**  
*Mestrando em Ensino de Ciências Ambientais*

  
**Ana Amélia**  
*Licenciada em Letras*

 **04/Set**

 **09H**



**Anexo C** – Projeto escrito pela Prof. Gabriela Rezendes Silva durante as aulas remotas de 2020.

## **MOSTRA DE CIÊNCIAS 2020**

**8º ANO APRESENTA: PANDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA**

**Aracaju**

**2020**

**GABRIELA REZENDES SILVA**

**8º ANO APRESENTA: PANDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA**

Trabalho realizado pelos alunos do 8º Ano do Colégio Pio Décimo, orientado pela Profª. Gabriela Rezendes Silva (História).

**Aracaju**

**2020**

## **Introdução**

Cientes dos impactos e inquietações que o atual momento histórico – a pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19) – causa em toda a comunidade escolar, nos propomos a realizar uma análise das pandemias enfrentadas pela humanidade ao longo da história. Os alunos pesquisaram sobre as maiores pandemias já enfrentadas pela humanidade: A Peste Negra, no século XIV; A Gripe Espanhola, no século XX; e por fim, a Pandemia da Covid-19 – atual.

O projeto, realizado pelos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental, faz parte da Mostra de Ciências 2020: Sementes do Conhecimento, do Colégio Pio Décimo, realizada na primeira semana de setembro. O evento envolve todos os níveis da educação básica, em que cada turma aborda uma temática específica. Além da realização de palestras e apresentações culturais.

Em virtude da pandemia do SARS-CoV-2 (Covid-19), o evento foi montado/pensado para realizar-se de maneira remota, através do uso da plataforma digital *Microsoft Teams*, seguindo assim as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), para, através do distanciamento social, evitar o contágio e por consequência a propagação da doença.

Aproveitando os recursos digitais da plataforma *Microsoft Teams*, os discentes expuseram suas pesquisas em uma apresentação de *Power Point*, além de exibirem vídeos – gravados por eles mesmos – com orientações de prevenção e combate ao novo coronavírus. As reuniões para elaboração do trabalho final também foram realizadas de maneira remota.

## **Justificativa**

Se para os adultos vivenciar este momento insólito já é incerto e difícil, imagina para as nossas crianças e jovens. Assim, a importância do presente trabalho se dá em virtude do seu caráter atual e da sua utilidade para a comunidade escolar em geral. O momento em que vivemos – o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus – é totalmente diferente de tudo que a humanidade já viveu até agora, dado o alto grau de globalização em que vivemos e do desenvolvimento tecnológico.

Por mais que os nossos discentes já tenham estudado ou ouvido falar das mais variadas pestes, mazelas, desastres, guerras mundiais que os nossos antepassados presenciaram, apesar de nos voltarmos para o passado com o respeito que ele merece, nada se compara com o viver,

conscientemente, o fato histórico. Ao pesquisar as pandemias anteriores e fazerem *links* com a atual, evidenciando as mudanças e permanências, nossos alunos se enxergam como sujeitos históricos de fato. Assim, por razões como essas, este trabalho ocupa um papel de grande importância no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças e jovens.

### **Objetivo Geral**

Temos por objetivo possibilitar aos nossos discentes uma aprendizagem que dialoga o conteúdo programático com a realidade em que vivem, ao associarem as pandemias já enfrentadas pelos nossos antepassados com a atual, podem evidenciar as permanências e as mudanças ao longo dos séculos.

### **Realização**

A Mostra de Ciências: Sementes do Conhecimento, teve início no dia 04 de setembro de 2020, com a palestra de abertura *Práticas Pedagógicas*. O evento correu entre os dias 04 e 11 de setembro de 2020. As apresentações do 8º Ano ocorreram na manhã do dia 10 de setembro de 2020.

### **Resultados**

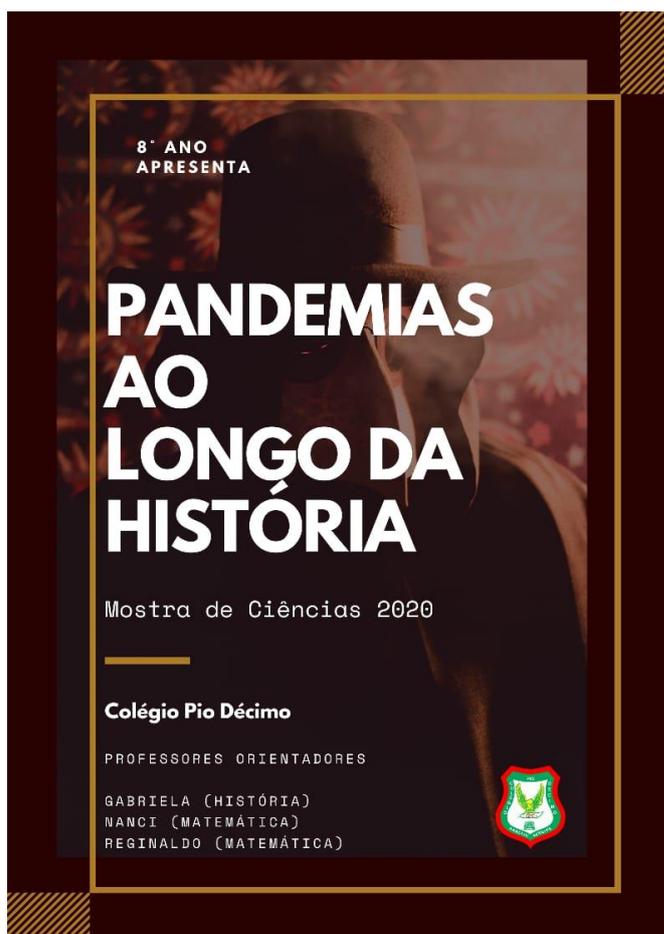
Os resultados foram satisfatórios, pois houve uma grande participação dos discentes. As pesquisas, apresentações e vídeos foram confeccionados com muita qualidade. Além do que, o fato do projeto envolver todas as turmas e matérias, possibilitou uma aprendizagem interdisciplinar.



Capa dos slides do 8º Ano. (Fonte: Acervo pessoal).



Arte feita por aluno do 8º Ano. (Fonte: Acervo pessoal).



Cartaz de divulgação do 8º Ano. (Fonte: Acervo pessoal).

**PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL**

**NÚMERO DE INFECTADOS E MORTES**

- O **BRASIL** TEM **4.165.124** DIAGNÓSTICOS DE COVID-19;
- E **127.517 MORTES** REGISTRADAS;
- EM **SERGIPE** SÃO **73.971 CASOS** E **1.909 MORTES** POR COVID-19

**DADOS ATUALIZADOS EM 08 DE SETEMBRO DE 2020**

Trecho da pesquisa realizada pelos alunos do 8º ano e apresentada em *Power Point*.

**A GRIPE ESPANHOLA 1918  
O QUE FOI?  
ORIGEM**

- Uma doença causada por uma das mutações do vírus *influenza* (H1N1) que se propagou entre 1918 e 1919.
- Não há uma certeza, porém o caso mais antigo confirmado ocorreu no Estado do Kansas, nos EUA em 1918.



Imagem capturada da plataforma *Microsoft Teams*. (Fonte: Acervo pessoal).

**8º Ano  
Colégio Pio Décimo**



**PANDEMIAS AO LONGO DA HISTÓRIA**

**DIAS MELHORES VIRÃO...**

**VAI PASSAR E SEREMOS MELHORES QUE HOJE!**

**Profa. Gabriela Rezendes Silva**



Mensagem de encerramento das apresentações. (Fonte: Acervo pessoal).

**Anexo D** – Trabalho de História: A fotografia e as memórias em família dos dias de quarentena.

## TRABALHO DE HISTÓRIA

### A FOTOGRAFIA E AS MEMÓRIAS EM FAMÍLIA DOS DIAS DE QUARENTENA

Prof<sup>ª</sup>. Gabriela Rezendes Silva

A primeira fotografia data do início do século XIX. Desde sua origem, a fotografia tem encantado a humanidade. Através dela é possível registrar os mais variados momentos da vida humana. Ela é empregada na cobertura de eventos oficiais, no registro do cotidiano, na medicina, no jornalismo e em tantas outras situações. Cientes da importância da fotografia e da sua presença no nosso dia a dia, quero desenvolver com vocês o projeto “Minhas Memórias da Quarentena”.

- A proposta do trabalho consiste no registro de alguns momentos em família durante o período de isolamento social, devido a pandemia da Covid-19, e/ou na reprodução de alguma fotografia que você tirou quando era menor.
- As fotografias tiradas do cotidiano atual ou reproduzidas, devem ser enviadas para o meu e-mail institucional com uma breve descrição da mesma:
  - ✓ Em qual ambiente a fotografia foi tirada ou recriada;
  - ✓ Quem está na fotografia;
  - ✓ Data que foi tirada e data que foi recriada, para o caso das reproduções;
- Por fim, você irá descrever qual é o significado/importância do registro para você.

**Observações:** Segue anexo um exemplo de como tirar ou reproduzir as fotografias. O trabalho deve ser enviado para o meu e-mail institucional até 03.07.2020.

  
No mais, se cuidem e logo estaremos juntos novamente!

Um grande abraço, virtual, Gabi. ☺

**Anexo E – Oficina: O *podcast* #covid-19 memórias da pandemia no Brasil.**

<b>OFICINA MEMÓRIAS DA PANDEMIA</b>
<b>OBJETIVOS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer e acolher as memórias dos alunos durante a Pandemia da Covid-19;</li><li>• Mostrar a importância das ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem;</li><li>• Levantar questionamentos sobre a vida em sociedade e os Direitos Humanos no período de isolamento social;</li><li>• Proporcionar aos/às alunos/as comentários mediados pelo/a professor/a acerca da pandemia da covid-19 no Brasil e no mundo;</li><li>• Reunir os relatos produzidos pelos discentes e ouvir em sala de aula para que possam compartilhar suas experiências.</li></ul>
<b>MATERIAL NECESSÁRIO</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Material de apoio: livros, jornais, vídeos de reportagens disponíveis na internet, imagens, charges e <i>memes</i>;</li><li>• Roteiro do <i>podcast</i>: pré-elaborado em casa;</li><li>• Aparelho celular;</li><li>• Fones de ouvido.</li></ul>
<b>NÚMERO DE AULAS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Cinco (05) aulas.</li></ul>
<b>DISTRIBUIÇÃO E ORIENTAÇÃO DAS AULAS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Uma aula para explicar: O que é <i>podcast</i>?</li><li>• Uma aula de: Como ouvir e produzir um <i>podcast</i>?</li><li>• Uma aula para que o professor juntamente com os alunos discuta pontos importantes sobre a pandemia da covid-19 no Brasil e no mundo.</li><li>• Uma aula para que os alunos montem e editem seus episódios – gravados em casa, devido a necessidade de silêncio e concentração.</li><li>• Uma aula para a reprodução dos episódios de <i>podcasts</i> gravados pelos alunos.</li></ul>

## O QUE É *PODCAST*?

De maneira simplificada, podemos definir *podcast* como um programa de áudio, no qual os ouvintes podem ouvir na hora e onde quiserem. Os podcasts abrangem inúmeros temas, desde entretenimento, até problemáticas da atualidade como a desigualdade social no Brasil e no mundo.

## TIPOS DE *PODCAST*

*Podcast* de formação: também conhecido como educacional, esse podcast tem como objetivo ensinar algo. *Podcast* de entretenimento: tem como finalidade envolver as pessoas com temas descontraídos ou curiosidades. *Podcast* informativo: são aqueles em formato noticiário, que trazem acontecimentos do dia a dia.

## COMO SURTIU O *PODCAST*?

O primeiro podcast surgiu em 2004, criado por Adam Curry. Após um tempo, esse novo formato de áudio passou a ser conhecido como *podcast*. O termo *podcast* vem da junção de “ipod” dispositivo reproduzidor de áudio da empresa Apple, e “broadcast”, palavra inglesa que significa “transmissão”.

## COMO CRIAR UM *PODCAST*?

Existem duas formas de criar um *podcast* através do *smartphone*. É possível gravar os áudios no aparelho e depois carregá-los em uma plataforma de produção de *podcast* ou gravar diretamente na plataforma, conforme orientamos no próximo tópico.

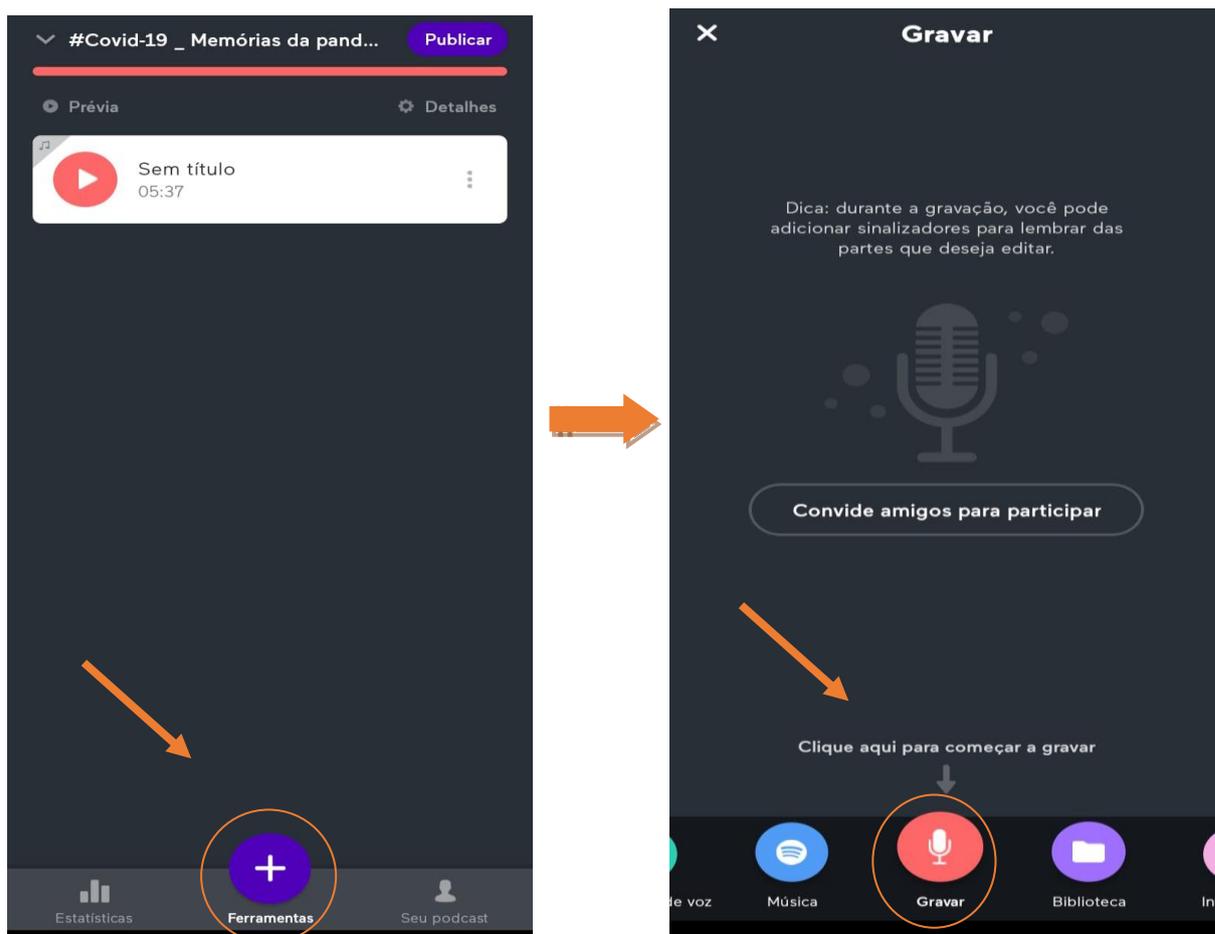
## QUAL APLICATIVO USAR?

O *Anchor* é um aplicativo gratuito para fazer *podcasts* no celular *Android* e *iPhone (iOS)*. A plataforma permite editar e gravar arquivos de áudio, com funções como cortar partes ou adicionar trilha sonora. Além do que, o próprio aplicativo possui a função de distribuir os

episódios nas plataformas digitais de *podcasts*.

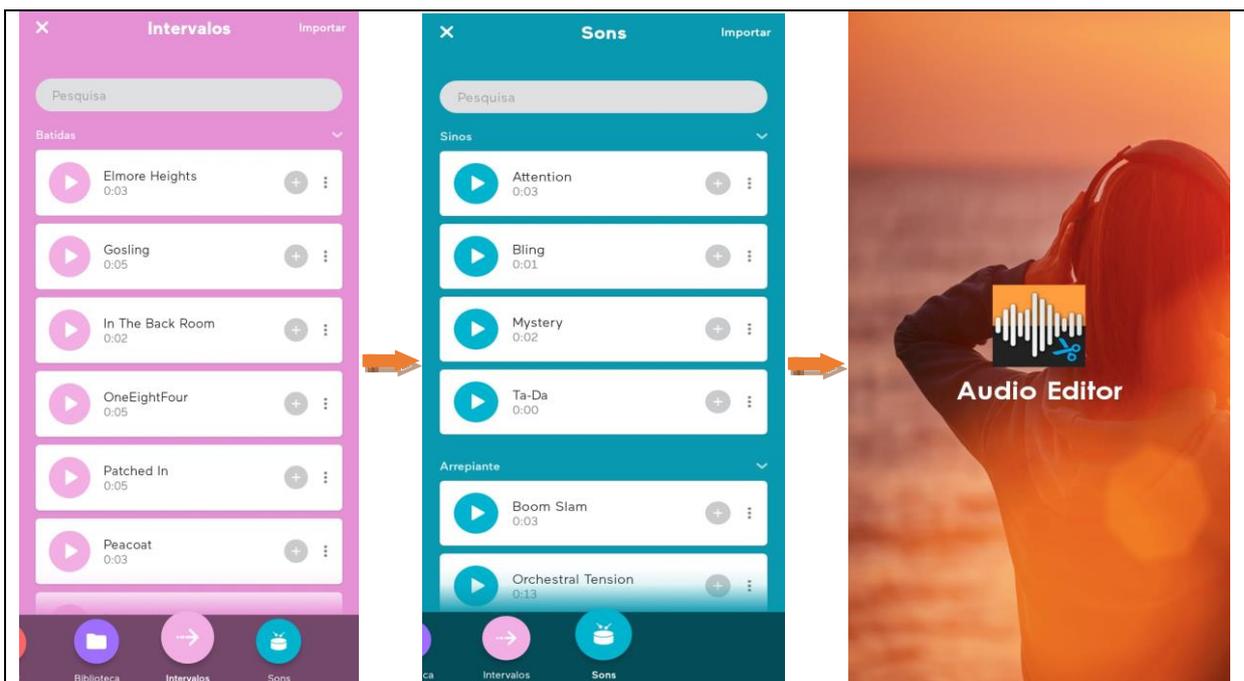
## PASSO A PASSO

Após baixar o aplicativo, gratuitamente na loja do seu *smartphone* – *apple store* ou *play store* –, você deve abri-lo e clicar em ferramentas e colocar para gravar, conforme imagens abaixo:



Capturas de tela do aplicativo *Anchor*. (Fonte: Acervo pessoal).

Com seu áudio já gravado, você fará as edições necessárias – editar e/ou acrescentar trechos, adicionar música de fundo, intervalo (se for o caso), e vários outros efeitos que estão disponíveis gratuitamente no aplicativo. Além do *Anchor*, utilizamos também o aplicativo *Audio Editor* – o qual também pode ser baixado gratuitamente na loja do seu *smartphone*:



Capturas de telas feitas dos aplicativos *Anchor* e *Audio Editor*. (Fonte: Acervo pessoal).

Os episódios gravados ficarão disponíveis na biblioteca do aplicativo *Anchor*. Assim, com as devidas edições realizadas, você pode publicar seu *podcast* pelo próprio *Anchor* (*Spotify*) e também distribuir em várias outras plataformas que abrigam *podcasts* gratuitamente.

Anexo F – Foto de capa do *Podcast #COVID-19 Memórias da Pandemia no Brasil* na plataforma do aplicativo *Anchor*.



Capa do *podcast #COVID-19 Memórias da Pandemia no Brasil* (Fonte: Acervo pessoal).

## **Anexo G – Transcrição do Podcast #COVID-19 Memórias da Pandemia no Brasil.**

### **Abertura**

– Olá, eu sou Gabriela Rezendes e este é o *podcast* #COVID-19 Memórias da Pandemia no Brasil. A cada novo episódio conheceremos um pouco mais sobre essa síndrome respiratória que fez o mundo parar em 2020.

### **Episódio I – A Origem da Pandemia**

– Era dezembro de 2019 quando os primeiros casos de seres humanos infectados pelo novo coronavírus foram notificados a Organização Mundial de Saúde. De acordo com a notificação, os casos ocorreram na cidade de Wuhan, na China.

– Já em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que a Síndrome Respiratória Aguda Grave – SARS-COV-2 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.

– Com o “rompimento das fronteiras” e, por consequência, o aumento do número de pessoas infectadas em várias partes do mundo, a diretoria da OMS declarou em 11 de março de 2020, a Covid-19 como uma pandemia.

– Naquele momento, a doença já havia atingido mais de 114 países e somava um número expressivo de 118.000 pessoas infectadas e mais de 4291 mortes.

– A partir de então, o mundo passou a viver dias de terror o medo perante o inimigo invisível e desconhecido percorreu as mais variadas sociedades.

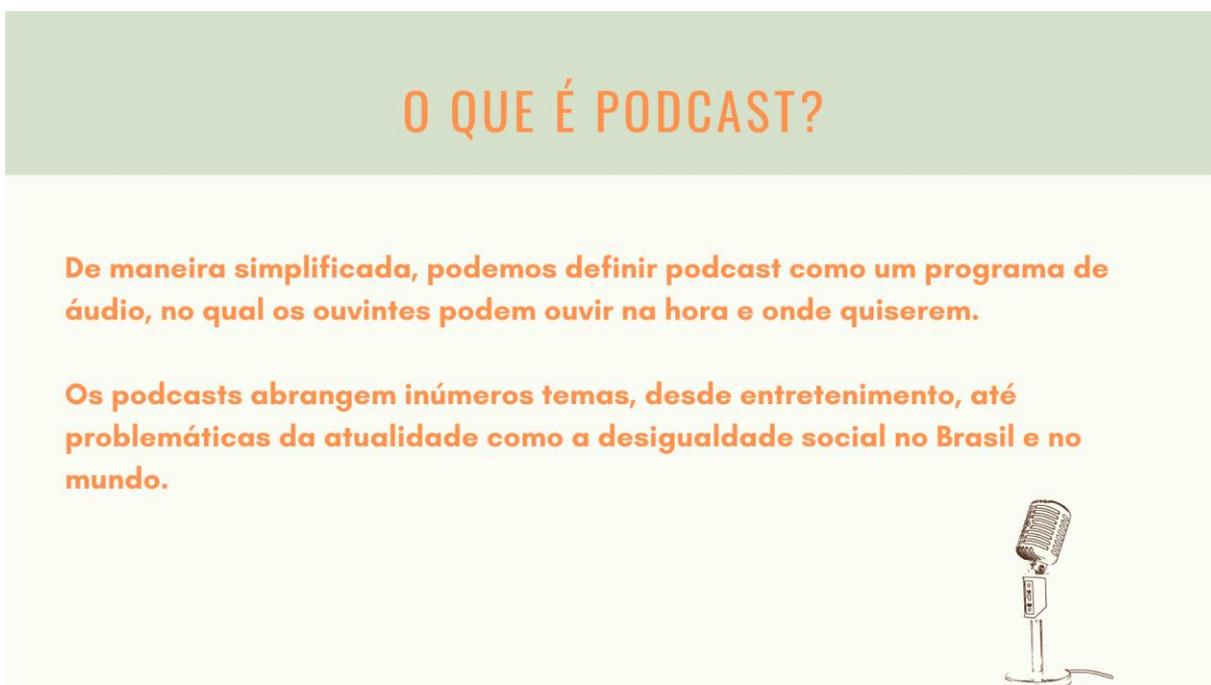
– O nosso modo de vida teve que se adequar ao chamado novo normal, nada mais era como antes, nossas interações sociais mudaram, nossa forma de aprender, de rezar, de comer... e de ir ao supermercado também.

– É verdade que entre os meses de janeiro e fevereiro a comunidade mundial não deu tanta importância a SARS-COV-2. Assim, mesmo a OMS tendo alertado do perigo do novo vírus, o mundo deu “*play*” em 2020 normalmente. Ocorreram viagens, internacionais inclusive, festas, carnaval, competições esportivas e início das aulas.

– Afinal, o problema estava na China, pensaram eles.

– No fundo, ninguém imaginaria que em pleno século XXI um inimigo “tão pequeno” iria fazer o mundo todo de refém.

- Passados pouco mais de três meses, desde o primeiro caso notificado em Wuhan, a humanidade conhecia de fato seu novo inimigo invisível.
- Diferente da Peste Negra (1347) e da própria Gripe Espanhola (1918), a pandemia do novo coronavírus se espalhou pelos continentes, por diversos meios, e em velocidade recorde.
- Desde a divulgação da existência da doença, cientistas do mundo todo têm buscado desvendar os mistérios que cercam o novo coronavírus e seus efeitos nocivos, seja em um corpo jovem, atlético, idoso ou infantil.
- Inicialmente, por desconhecer todos os sintomas e como o vírus se comportava no corpo humano, acreditou-se que a Covid-19 representava um risco mortal para idosos e/ou pessoas com morbidades. Somente nos “episódios” seguintes dessa série de terror, foi-se percebendo que se tratava de um problema de todos e que a forma como o vírus se comporta em cada organismo é, em muitos casos, imprevisível.
- Em pouco tempo, a doença se espalhou pelo mundo. No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi anunciado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. Tratava-se de um senhor de 61 anos, morador de São Paulo que havia chegado da Itália.
- Por sua vez, em Sergipe o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado pela Secretaria de Estado da Saúde em 14 de março de 2020. Conforme notificaram os órgãos de saúde, também foi um caso “exportado”, pois a paciente, do sexo feminino, com 36 anos de idade, havia chegado da Espanha.
- Entre os meses de março e abril o número de infectados no Brasil aumentaram de maneira significativa.
- Para vocês terem uma noção, em 26 de abril, dois meses após a divulgação oficial do primeiro caso, o país já contava com um número de mais de 63.000 infectados e mais de 4000 mortos.



## TIPOS DE PODCAST

**Podcast de formação:** também conhecido como educacional, esse podcast tem como objetivo ensinar algo.

**Podcast de entretenimento:** tem como finalidade envolver as pessoas com temas descontraídos ou curiosidades.

**Podcast informativo:** são aqueles em formato noticiário, que trazem acontecimentos do dia a dia.



## COMO SURTIU O PODCAST?

O primeiro podcast surgiu em 2004, criado por Adam Curry. Após um tempo, esse novo formato de áudio passou a ser conhecido como podcast.

O termo podcast vem da junção de "ipod" dispositivo reprodutor de áudio da empresa Apple, e "broadcast", palavra inglesa que significa "transmissão".



## COMO CRIAR UM PODCAST?

EXISTEM DUAS FORMAS DE CRIAR UM PODCAST ATRAVÉS DO SMARTPHONE. É POSSÍVEL GRAVAR OS ÁUDIOS NO APARELHO E DEPOIS CARREGÁ-LOS EM UMA PLATAFORMA DE PRODUÇÃO DE PODCAST OU GRAVAR DIRETAMENTE NA PLATAFORMA, CONFORME ORIENTAMOS NO PRÓXIMO TÓPICO.



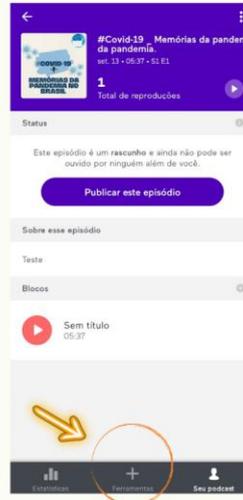
## QUAL APLICATIVO USAR?



O Anchor é um aplicativo gratuito para fazer podcasts no celular Android e iPhone (iOS). A plataforma permite editar e gravar arquivos de áudio, com funções como cortar partes ou adicionar trilha sonora. além do que, o próprio aplicativo possui a função de distribuir os episódios nas plataformas digitais de podcasts.

## PASSO A PASSO

**APÓS BAIXAR O APLICATIVO, GRATUITAMENTE NA LOJA DO SEU SMARTPHONE (APPLE STORE OU PLAY STORE), VOCÊ DEVE ABRÍ-LO E CLICAR EM FERRAMENTAS, EM SEGUIDA COLOCAR PARA GRAVAR, CONFORME IMAGENS AO LADO:**



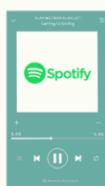
## PASSO A PASSO

**COM SEU ÁUDIO JÁ GRAVADO, VOCÊ FARÁ AS EDIÇÕES NECESSÁRIAS – EDITAR E/OU ACRESCENTAR TRECHOS, ADICIONAR MÚSICA DE FUNDO, INTERVALO (SE FOR O CASO), E VÁRIOS OUTROS EFEITOS QUE ESTÃO DISPONÍVEIS GRATUITAMENTE NO APLICATIVO. ALÉM DO ANCHOR, UTILIZAMOS TAMBÉM O APLICATIVO AUDIO EDITOR – O QUAL TAMBÉM PODE SER BAIXADO GRATUITAMENTE NA LOJA DO SEU SMARTPHONE:**



## PASSO A PASSO

OS EPISÓDIOS GRAVADOS FICARÃO DISPONÍVEIS NA BIBLIOTECA DO APLICATIVO ANCHOR. ASSIM, COM AS DEVIDAS EDIÇÕES REALIZADAS, VOCÊ PODE PUBLICAR SEU PODCAST PELO PRÓPRIO ANCHOR (SPOTIFY) E TAMBÉM DISTRIBUIR EM VÁRIAS OUTRAS PLATAFORMAS QUE ABRIGAM PODCASTS GRATUITAMENTE.



## MATERIAIS



Aparelho celular



Livros e / ou  
material de apoio



Roteiro do podcast



Fones de ouvido

O QUE TRAZER À AULA